

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Noite na Taverna

Álvares Azevedo

Ilustrações:  
Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# Noite na Taverna

Álvares de Azevedo

Noite na Taverna  
**Álvares de Azevedo**

**Ilustrações**

Eduardo Schloesser  
Iran Elson

**Editor**

Malthus de Queiroz

**Leitura, Adaptação e  
Comentários**

Roberto Sotero

**Direção de arte**

Elto Koltz

**Diagramação**

Adriana Ribeiro

Coordenação Editorial



**Direitos reservados à**

**Editora Prazer de Ler Ltda.**

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Edição 2015

Impresso no Brasil



ISBN:

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

# Noite na Taverna

*MACÁRIO:*

*— Onde me levas?*

*SATÃ:*

*— A uma orgia. Vais ler uma página da vida, cheia de sangue e de vinho, que importa?*

*MACÁRIO:*

*— Eu vejo-os. É uma sala fumacenta. À roda da mesa estão sentados cinco homens bêbados. Os mais revolvem-se no chão. Dormem ali mulheres desgrenhadas, umas pálidas, outras vermelhas... Que noite!*

Macário, Álvares de Azevedo

*E agora, Horácio? Você treme e parece pálido.*

*Não seria isso algo mais do que uma fantasia?*

*O que o faz pensar que não?*

Hamlet, ato I, Shakespeare

## Capítulo 1

### Uma noite do século

*Bebamos! Nem um canto de saudade!  
Morrem na embriaguez da vida as dores!  
Que importam sonhos, ilusões desfeitas?  
Fenecem como as flores!*

(José Bonifácio)

— Silêncio, moços! acabem com essas cantilenas horríveis! Não veem que as mulheres dormem bêbadas, magras como defuntos? Não sentem que o sono da embriaguez pesa negro naquelas pálpebras onde a beleza ocultou os olhares da libidinagem?

— Cala-te, Johann! enquanto as mulheres dormem e Arnold-o-loiro cambaleia e adormece murmurando as canções de orgia de Tieck,<sup>1</sup> que música é mais bela que a gritaria de uma orgia? Quando as nuvens correm negras no céu como um bando de corvos errantes e a lua desmaia como a luz de uma lâmpada sobre a brancura de uma beleza que dorme, que noite é melhor que a passada ao reflexo das desonras?

— És um louco, Bertram! não é a lua que lá vai macilenta: é o relâmpago que passa e ri de sarcasmo às agonias do povo que morre, aos soluços que seguem as mortualhas do cólera!

— O cólera! e que importa? Não há por ora vida bastante nas veias do homem? não borbulha a febre ainda às ondas do vinho? Não reluz em todo o seu fogo a lâmpada da vida na lanterna do crânio?

— Vinho! Vinho! Não vês que as taças estão vazias e bebemos o vácuo, como um sonâmbulo?

— É o Fichtismo<sup>2</sup> na embriaguez! Espiritualista, bebe a imaterialidade da embriaguez!

— Oh! vazio! meu copo está vazio! Olá, taverneira, não vês

---

<sup>1</sup> Ludwig Tieck (1773–1853), poeta e romancista alemão, foi um dos criadores do herói romântico contraditório e tornou-se um dos principais representantes da ironia romântica.

<sup>2</sup> Sistema filosófico do alemão Johann Gottlieb Fichte, que exerceu um grande papel na teoria crítica do romantismo.

que as garrafas estão esgotadas? não sabes, desgraçada, que os lábios da garrafa são como os da mulher: só valem beijos enquanto o fogo do vinho ou o fogo do amor os borrija de lava?

— O vinho acabou-se nos copos, Bertram, mas o fumo ondula ainda nos cachimbos! Após os vapores do vinho, os vapores da fumaça! Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! A taverneira aí nos trouxe mais vinho: uma saúde! O fumo é a imagem do idealismo, é o exemplo de tudo quanto há mais vaporoso naquele espiritualismo que nos fala da imortalidade da alma! e, pois, ao fumo das Antilhas, à imortalidade da alma!

— Bravo! bravo!

Um urrah! tríplice respondeu ao moço meio bêbado.

Um homem se ergueu entre a vozeria: contrastavam com as faces de moço as rugas da testa e a rouxidão dos lábios convulsos. Por entre seus cabelos prateava-se o reflexo das luzes do festim. Falou:

— Calem-se, malditos! a imortalidade da alma? pobres doidos! e por que a alma é bela, por que não concebem que esse ideal possa tornar-se em lodo e podridão, como as faces belas da virgem morta, não podem crer que ele morra? Doidos! nunca velada levaram porventura uma noite à cabeceira de um cadáver? E então não duvidaram de que ele não era morto, que aquele peito e aquela testa iam palpitar de novo, aquelas pálpebras iam abrir-se, que era apenas o ópio do sono que emudecia aquele homem? Imortalidade da alma! e por que também não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! Não mil vezes! A alma não é, como a lua, sempre moça, nua e bela em sua virgindade eterna! A vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas: o que era um corpo de mulher vai porventura transformar-se numa árvore ou numa nuvem de vermes; o que era um corpo de verme vai alvejar-se no cálice da flor ou na testa da criança mais loira e bela. Como Schiller o disse, o átomo da inteligência de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu lhes direi: se entendem a imortalidade pela reencarnação, bem, talvez eu a creia um pouco: pelo Platonismo, não!

— Solfieri! és um insensato! o materialismo é árido como o deserto, é escuro como um túmulo! A nós, testas queimadas pelo



Noite na Taverna

mormaço do sol da vida, a nós, sobre cuja cabeça a velhice gelou os cabelos, essas crenças frias! A nós, os sonhos do espiritualismo!

— Archibald! deveras que é um sonho tudo isso! No outro tempo o sonho da minha cabeceira era o espírito puro ajoelhado no seu manto prateado, num oceano de aromas e luzes! Ilusões! a realidade é a febre do libertino, a taça na mão, a libidinagem nos lábios e a mulher seminua, trêmula e palpitante sobre os joelhos.

— Blasfêmia! e não crês em mais nada: teu ceticismo derubou todas as estátuas do teu templo, mesmo a de Deus?

— Deus! crer em Deus!? sim, como o grito íntimo o revela nas horas frias do medo, nas horas em que se treme de susto e que a morte parece roçar úmida por nós! Na jangada do naufrago, no cada-falso<sup>3</sup>, no deserto, sempre banhado do suor frio do terror é que vem a crença em Deus! Crer nele como a utopia do bem absoluto, o sol da luz e do amor, muito bem! Mas se vocês entendem por ele os ídolos que os homens ergueram banhados de sangue, e o fanatismo beija em sua inanimação de mármore de há cinco mil anos... não creio nele!

— E os livros santos?

— Miséria! quando vocês me vierem falar em poesia eu lhes direi: aí há folhas inspiradas pela natureza ardente daquela terra como nem Homero as sonhou, como a humanidade inteira ajoelhada sobre os túmulos do passado nunca mais lembrará! Mas, quando vocês me falarem em verdades religiosas, em visões santas, nos desvarios daquele povo estúpido, eu lhes direi: miséria! miséria! três vezes miséria! Tudo aquilo é falso: mentiram como as miragens do deserto!

— Estás bêbado, Johann! O ateísmo é a loucura como o idealismo místico de Schelling,<sup>4</sup> o panteísmo de Spinoza<sup>5</sup> — o judeu, e o crente de Malebranche<sup>6</sup> nos seus sonhos da visão em

---

<sup>3</sup> Palanque em local aberto para a execução de condenados.

<sup>4</sup> Friedrich Schelling (1775–1854) foi um filósofo representante do Idealismo alemão, assim como Fichte e Hegel. Desenvolveu um sistema de valorização da natureza, exercendo forte impacto sobre o panteísmo romântico

<sup>5</sup> Baruch Spinoza (1632–1677), um grande racionalista holandês, desenvolveu uma doutrina que estabelecia a associação entre Deus e a natureza.

<sup>6</sup> Nicolas Malebranche (1638–1715) foi um filósofo francês que procurou modificar a metafísica de Descartes, incluindo as ideias de Platão e Santo Agostinho, sustentando uma identificação entre a razão e Deus.



Noite na Taverna

Deus. A verdadeira filosofia é o epicurismo. Hume<sup>7</sup> bem o disse: o fim do homem é o prazer. Daí vejam que é o elemento sensível quem domina. E pois ergamo-nos, nós que amanhecemos nas noites desbotadas de estudo insano e vimos que a ciência é falsa e esquiva, que ela mente e embriaga como um beijo de mulher.

— Bem! muito bem! é um toast<sup>8</sup> de respeito!

— Quero que todos se levantem e com a cabeça descoberta clamem: Ao Deus Pã da natureza, aquele que a antiguidade chamou Baco — o filho das coxas de um deus e do amor de uma mulher! e que nós chamamos melhor pelo seu nome — o vinho!...

— Ao vinho! ao vinho!

Os copos caíram vazios na mesa.

— Agora ouvi-me, senhores! entre uma saúde e uma bafurada de fumaça, quando as cabeças queimam e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carneiro no cepo gotejante, o que nos cabe é uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos — como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg!<sup>9</sup>

— Uma história medonha, não, Archibald? — falou um moço pálido que erguera a cabeça amarelenta.

— Pois bem, lhes direi uma história. Mas quanto a essa, vocês podem tremer a gosto, podem suar a frio da testa grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

— Solfieri! Solfieri! aí vens com teus sonhos!

— Conta!

Solfieri falou: os mais fizeram silêncio.

---

<sup>7</sup> Filósofo, historiador e ensaísta escocês, David Hume (1711–1776) se tornou célebre por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico. Para ele, a experiência tem um papel central na teoria do conhecimento.

<sup>8</sup> Palavra inglesa que significa brinde.

<sup>9</sup> Referência ao sucesso de público do escritor romântico E. T. A. Hoffmann (1776–1822) em Johannisberg, cidade da Prússia Oriental.

## Capítulo 2

### Solfieri

*Contudo um beijo em sua porcelana  
E em seus lábios uma vez ardentes — meu coração! meu  
coração!*

(Cain. Byron)

Saibam-no. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: no aposento do sacerdote dorme a gosto sua amante, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre.<sup>10</sup> A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam desabitadas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei à aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela, e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar algo como um choro de frenesi, algo como um gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios cantando a lamentação das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu ninguém: saiu. Eu a segui.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía às gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

---

<sup>10</sup> O Tibre é o terceiro rio mais longo da Itália.

## Noite na Taverna

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim, ela parou: estávamos num campo.

Aqui, ali, além eram cruzeiros que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

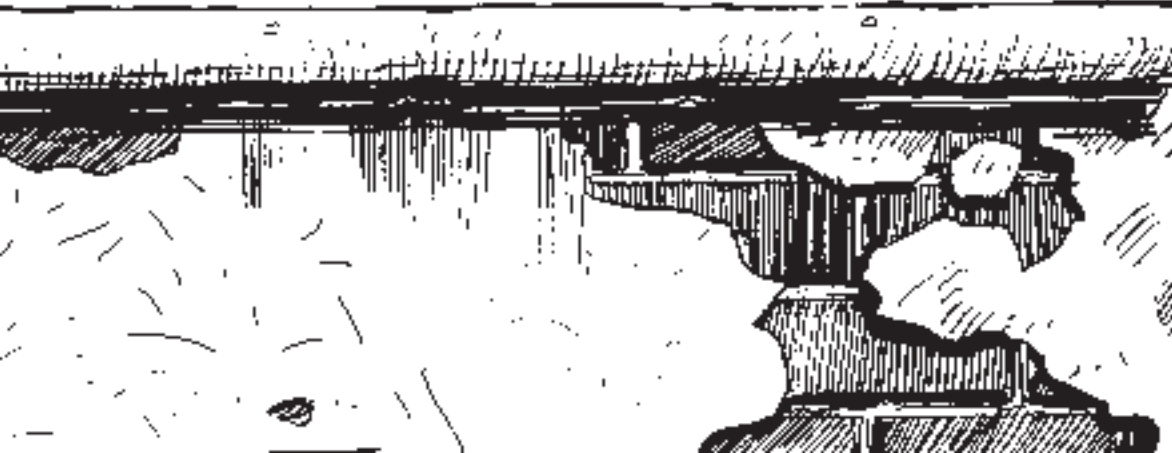
Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão: a vegetação do campo santo estava quebrada junto a uma cruz.

O frio da noite e aquele sono dormido à chuva causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços, e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois, voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava: no sono da satisfação me vinha aquela visão.

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Barbara. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida, com a febre nas faces e a libidinagem nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia excitante do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: nos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do leite.

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro velas batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na testa dela, naquela pele lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida. Era o anjo do cemitério? Fechei as portas da igreja, que, ignoro por quê, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo.



## Noite na Taverna

Vocês sabem a história de Maria Stuart<sup>11</sup> degolada e do algoz, “do cadáver sem cabeça e do homem sem coração”, como a conta Brantôme?<sup>12</sup> Foi uma ideia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: **rasguei-lhe** o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo os despe à noiva. Era uma forma puríssima. Meus sonhos nunca me tinham evocado uma estátua tão perfeita. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármoreos antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Àquele calor de meu peito, à febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos ocultados. Luz sombria alumiu-os como a de uma estrela entre névoa, apertou-me em seus braços, um suspiro formou-se nos beijos azulados... Não era já a morte: era um desmaio. No aperto daquele abraço havia contudo alguma coisa de horrível. O leito de laje onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse instante ela acordou...

Nunca ouvistes falar da catalepsia? É um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que se sentem os membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas alheias, sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar, desmaiara. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudário como uma criança. Ao aproximar-me da porta, topei num corpo; abaixei-me; olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja que ali dormira de bêbado, esquecido de fechar a porta...

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levas aí?

---

<sup>11</sup> Maria Stuart (1542–1587), também conhecida como Maria da Escócia, foi rainha da Escócia e em seguida da França. Numa disputa pelo trono da Inglaterra com sua prima rainha Isabel I, é acusada e presa por traição, sendo subsequentemente executada.

<sup>12</sup> Pierre de Bourdeille (1540–1614), mais conhecido como Pierre de Brantôme, foi um aventureiro e escritor francês, autor de *Vie de dames illustres: françaises e étrangères*.





## Noite na Taverna

A noite era muito alta: talvez achassem que eu fosse um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada

— Uma mulher! Mas essa roupa branca e longa? Serás por acaso roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a testa: era fria.

— É uma defunta.

Cheguei meus lábios aos dela. Senti uma respiração morna. Era a vida ainda.

—Vejam — disse eu.

O guarda aproximou seus lábios dos dela: os beijos ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

— Boa-noite, moço: podes seguir — disse ele.

Caminhei. Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo; e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta, ela acordou. O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. Pediram-me que a abraße.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça, vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve como sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

À noite, saí; fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera, e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de

seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano, noite a noite, dormi sobre as lajes que a cobriam... Um dia o estatuário me trouxe a sua obra. — Paguei-lha e paguei o segredo

— Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho lhe queima suficientemente os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormiu e que sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele necessidade por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça. Bebeu-a. Ia erguer-se da mesa quando um dos homens tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai, que era conde e bandido; por minha mãe, que era a bela prostituta das ruas; pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra, eu vo-lo juro! guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores murchas.

— Vejam-na murcha e seca como o crânio dela!

## Capítulo 3

### Bertram<sup>13</sup>

*Por que deveria eu pelos outros sofrer, Quando ninguém por mim irá suspirar?*

(Childe Harold, I. Byron)

Um outro homem se levantou.

Tinha uma cabeça ruiva, uma pele branca, era uma daquelas criaturas frias que não hesitarão ao tropeçar num cadáver para ter mão de um fim.

Esvaziou o copo cheio de vinho e, com a barba nas mãos alvas, com os olhos de verde-mar fixos, falou:

— Sabem, uma mulher levou-me à perdição. Foi ela quem me queimou a testa nas orgias e me desbotou os lábios no ardor dos vinhos e na moleza de seus beijos, quem me fez atravessar pálido as longas noites de insônia nas mesas de jogo e na doirdice dos abraços convulsos com que ela me apertava o seio! Foi ela, vocês sabem, quem me fez num dia ter três duelos com meus três melhores amigos, abrir três túmulos àqueles que mais me amavam na vida; e depois, depois sentir-me só e abandonado no mundo, como a infanticida que matou o seu filho, ou aquele Mouro infeliz junto à sua Desdêmona pálida!<sup>14</sup>

Pois bem, vou contar-lhes uma história que começa pela lembrança desta mulher.

Havia em Cádis<sup>15</sup> uma donzela... linda daquele moreno das andaluzas<sup>16</sup>, com os olhos que brilham e os lábios de rosa d'Alexandria!

---

<sup>13</sup> Mesmo nome de um personagem da tragédia *Marino Faliero*, de Byron (1788–1824). Também nomeia um romance de Charles Robert Mathurin (1782–1824), considerado um dos principais nomes da novela gótica inglesa.

<sup>14</sup> Referência à obra *Otelo, o Mouro da Veneza*, de William Shakespeare. Na história, Otelo, acreditando que sua esposa (Desdêmona) o havia traído, mata-a por sufocamento.

<sup>15</sup> Cidade no Sul da Espanha.

<sup>16</sup> Mulheres naturais ou habitantes da Andaluzia, região do Sul da Espanha.

Andaluzas! Vocês são muito belas! se o vinho, se as noites de sua terra, o luar de suas noites, suas flores, seus perfumes são doces, são puros, são embriagadores — vocês ainda o são mais! Oh! por esse eivar a eito de gozos de uma existência fogosa nunca pude esquecer-lhes!

Senhores! aí temos vinho de Espanha, encham os copos: — a saúde das espanholas!

Amei muito essa moça, chamava-se Ângela. Quando eu estava decidido a casar-me com ela, quando após longas noites perdidas ao relento a espreitar-lhe da sombra um aceno, um adeus, uma flor — quando após tanto desejo e tanta esperança eu sorvi-lhe o primeiro beijo — tive de partir da Espanha para Dinamarca onde me chamava meu pai.

Foi uma noite de soluços e lágrimas, de choros e de esperanças, de beijos e promessas, de amor, de libidinidade no presente e de sonhos no futuro... Parti. Dois anos depois foi que voltei: quando entrei na casa de meu pai, ele estava moribundo: ajoelhou-se no seu leito e agradeceu a Deus por ainda me ver: pôs as mãos na minha cabeça, banhou-me a testa de lágrimas — eram as últimas —, depois deixou-se cair, pôs as mãos no peito, e com os olhos em mim murmurou: — Deus!

A voz sufocou-se na sua garganta: todos choravam.

Eu também chorava, mas era de saudades de Ângela.

Logo que pude reduzir minha fortuna a dinheiro, pu-la no banco de Hamburgo e parti para a Espanha.

Quando voltei, Ângela estava casada e tinha um filho...

Contudo meu amor não morreu! Nem o dela!

Muito ardentes foram aquelas horas de amor e de lágrimas, de saudades e beijos, de sonhos e maldições para nos esquecermos um do outro.

Uma noite, dois vultos alvejavam nas sombras de um jardim, as folhas tremiam ao ondear de um vestido, as brisas soluçavam aos soluços de dois amantes, e o perfume das violetas em que eles pisavam e das rosas e madressilvas que abriam em torno deles era ainda mais doce, perdido no perfume dos cabelos soltos de uma mulher...

Essa noite foi uma loucura! foram poucas horas de sonhos

## Noite na Taverna

de fogo! e quão breve passaram! Depois dessa noite seguiu-se outra, outra... e muitas noites as folhas sussurraram ao roçar de um passo misterioso, e o vento se embriagou de deleite nas nossas testas pálidas...

Mas um dia o marido soube tudo: quis representar de Otelo com ela. Doido!

Era alta noite: eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei. Ângela com os pés nus, o vestido solto, o cabelo desganhado e os olhos ardentes tomou-me pela mão... Senti sua mão úmida... Era escura a escada que subimos: passei a minha mão, molhada pela dela, por meus lábios. Tinha gosto de sangue.

— Sangue, Ângela! De quem é esse sangue?

A Espanhola sacudiu seus longos cabelos negros e riu-se.

Entramos numa sala. Ela foi buscar uma luz, e deixou-me no escuro.

Procurei, tateando, um lugar para assentar-me: toquei numa mesa. Mas ao passar-lhe a mão senti-a banhada de umidade: além senti uma cabeça fria como neve e molhada de um líquido espesso e meio coagulado. Era sangue...

Quando Ângela veio com a luz, eu vi... Era horrível! O marido estava degolado.

Era uma estátua de gesso lavada em sangue... Sobre o peito do assassinado estava uma criança de braços. Ela ergueu-a pelos cabelos... Estava morta também: o sangue que corria das veias rotas de seu peito se misturava com o do pai!

— Vês, Bertram, esse era o meu presente: agora será um sonho do meu passado. Sou tua e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime... Vem, tudo está pronto, fujamos. A nós o futuro!

Foi uma vida insana a minha com aquela mulher! Era um viajar sem fim. Ângela vestia-se de homem: era um formoso jovem assim. No demais ela era como todos os moços libertinos que nas mesas da orgia batiam com a taça na taça dela. Bebia já como uma inglesa, fumava como uma sultana, montava a cavalo como um árabe e atirava as armas como um espanhol.



Noite na Taverna

Quando o vapor dos licores me ardia a testa, ela me re-  
pousava em seus joelhos, tomava um bandolim e me cantava  
as modas de sua terra...

Nossos dias eram lançados ao sono como pérolas ao amor:  
nossas noites sim eram belas!

Um dia ela partiu: partiu, mas deixou-me os lábios ainda  
queimados dos seus e o coração cheio de germe de vícios que  
ela aí lançara. Partiu, mas sua lembrança ficou como o fantasma  
de um mau anjo perto de meu leito.

Quis esquecê-la no jogo, nas bebidas, na paixão dos duelos.  
Tornei-me um ladrão nas cartas, um homem perdido por mulhe-  
res e orgias, um espadachim terrível e sem coração.

Uma noite eu caíra bêbado às portas de um palácio: os ca-  
valos de uma carruagem pisaram-me ao passar e partiram-me  
a cabeça de encontro à laje. Acudiram-me desse palácio. Depois  
amaram-me: a família era um nobre velho viúvo e uma beleza  
peregrina de dezoito anos. Não era amor de certo o que eu sentia  
por ela... Não sei o que foi... Era uma fatalidade infernal. A pobre  
inocente amou-me; e eu, recebido como o hóspede de Deus sob  
o teto do velho fidalgo, desonrei-lhe a filha, roubei-a, fugi com  
ela... E o velho teve de chorar seus cabelos brancos manchados  
na desonra de sua filha, sem poder vingar-se.

Depois enjoiei-me dessa mulher. A saciedade é um tédio ter-  
rível. Uma noite, que eu jogava com Siegfried — o pirata, depois  
de perder as últimas joias dela, vendi-a.

A moça envenenou Siegfried logo na primeira noite e  
afogou-se.

Eis aí quem eu sou: se quisesse contar-lhes longas histórias  
do meu viver, suas vigílias correriam breves demais...

Um dia — era na Itália — saciado de vinho e mulheres eu  
ia suicidar-me. A noite era escura, e eu chegara só na praia. Subi  
num rochedo: daí minha última voz foi uma blasfêmia, meu último  
adeus uma maldição, meu último... digo, mal; porque senti-me  
erguido nas águas pelo cabelo.

Então na vertigem do afogo o desejo pela vida acordou-se  
em mim. A princípio tinha sido uma cegueira, uma nuvem ante  
meus olhos, como aos daquele que trabalha na trevas. A sede

da vida veio ardente: apertei aquele que me socorria; fiz tanto, em uma palavra, que, sem querê-lo, matei-o. Cansado do esforço desmaiei...

Quando recobrei os sentidos estava num escaler de marinheiros que remavam mar em fora. Aí soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me; ri-me, enquanto os filhos do mar choravam.

Chegamos a uma corveta<sup>17</sup> que estava erguendo âncora.

O comandante era um belo homem. Pelas faces vermelhas caíam-lhe os crespos cabelos loiros onde a velhice branqueava alguns fios.

Ele perguntou-me:

— Quem és?

— Um desgraçado que não pode viver na terra, e não deixaram morrer no mar.

— Queres pois vir a bordo?

— A menos que não prefirais atirar-me ao mar.

— Não o faria: tens uma bela figura. Levarei você comigo. Servirás...

— Servirei!? — e ri-me. depois respondi-lhe frio: — Deixai que me atire ao mar...

— Não queres servir? queres então viajar de braços cruzados?

— Não: quando for a hora da manobra, dormirei: mas quando vier a hora do combate ninguém será mais valente do que eu...

— Muito bem: gosto de ti — disse o velho lobo do mar. — Agora que estamos conhecidos, dize-me teu nome e tua história.

— Meu nome é Bertram. Minha história? escutem: o passado é um túmulo! Perguntem ao sepulcro a história do cadáver! ele guarda o segredo... vai dizer-lhes apenas que tem no seio um corpo que se corrompe! vocês terão sobre a lousa um nome; e não mais!

O comandante franziu as sobrancelhas, e passou adiante para comandar a manobra.

O comandante trazia a bordo uma bela moça. Criatura

---

<sup>17</sup> Navio de guerra a vela, de três mastros.





pálida, parecera a um poeta o anjo da esperança adormecendo esquecido entre as ondas. Os marinheiros a respeitavam: quando pelas noites de lua ela repousava o braço na amurada e a face na mão, aqueles que passavam junto dela se descobriam respeitosos. Nunca ninguém lhe vira olhares de orgulho, nem lhe ouvira palavras de cólera: era uma santa.

Era a mulher do comandante.

Entre aquele homem brutal e valente, rei bravio no alto mar, esposado, como os Doges de Veneza ao Adriático, à sua garrida corveta — entre aquele homem pois e aquela mandona havia um amor de homem como palpita o peito que longas noites abriu-se às luas do oceano solitário, que adormeceu pensando nela ao frio das vagas e ao calor dos trópicos, que suspirou nas horas de quarto, alta noite na amurada do navio, lembrando-a nos nevoeiros da cerração, nas nuvens da tarde... Pobres doidos! parece que esses homens amam muito! A bordo ouvi a muitos marinheiros seus amores singelos: eram moças loiras da Bretanha e da Normandia, ou alguma espanhola de cabelos negros vista ao passar — sentada na praia com sua cesta de flores — ou adormecida entre os laranjais cheirosos — ou dançando o fandango<sup>18</sup> sensual nos bailes ao relento! Houve junto a mim muitas faces ásperas e tostadas ao sol do mar que se banharam de lágrimas...

Voltemos à história. O comandante a assustava como um louco — um pouco menos que a sua honra, um pouco mais que sua corveta.

E ela — ela no meio de sua melancolia, de sua tristeza e sua palidez —, ela sorria às vezes quando cismava sozinha — mas era um sorrir tão triste que doía. Coitada!

Um poeta a amaria de joelhos. Uma noite — decerto eu estava bêbado — fiz-lhe uns versos. Na triste poesia, eu derramara uma essência preciosa e límpida que ainda não se poluíra no mundo...

Sinceramente, chorei quando fiz esses versos. Um dia, meses depois, li-os, ri-me deles e de mim e atirei-os ao mar... Era a

---

<sup>18</sup> Dança espanhola de origem árabe, normalmente é acompanhada de guitarra ibérica e castanholas.

## Noite na Taverna

última folha da minha virgindade que lançava ao esquecimento...

Agora, encham os copos: o que vou dizer-lhes é negro, é uma lembrança horrível, como os pesadelos no Oceano.

Com suas lágrimas, com seus sorrisos, com seus olhos úmidos e os seios inchados de suspiro — aquela mulher me enlouquecia as noites. Era como uma vida nova que nascia cheia de desejos, quando eu cria que todos eles eram mortos como crianças afogadas em sangue ao nascer.

Amei-a: por que dizer-lhes mais? Ela amou-me também. Uma vez a luz ia límpida e serena sobre as águas, as nuvens eram brancas como um véu recoberto de pérolas da noite, o vento cantava nas cordas. Bebi-lhe na pureza desse luar, ao fresco dessa noite, mil beijos nas faces molhadas de lágrimas, como se bebe o orvalho de um lírio cheio. Aquele seio palpitante, o contorno acetinado, apertei-os sobre mim...

O comandante dormia.

Uma vez ao madrugada, o gajeiro assinalou um navio. Meia hora depois desconfiou que era um pirata...

Chegávamos cada vez mais perto. Um tiro de pólvora seca da corveta reclamou a bandeira. Não responderam. Deu-se segundo: nada. Então um tiro de bala foi cair nas águas do barco desconhecido como uma luva de duelo. O barco que até então tinha seguido rumo oposto ao nosso e vinha proa contra nossa proa virou de bordo e apresentou-nos seu flanco enfumaçado: um relâmpago correu nas baterias do pirata, um estrondo seguiu-se... e uma nuvem de balas veio morrer perto da corveta.

Ela não dormia, virou de bordo: os navios ficaram lado a lado. À descarga do navio de guerra, o pirata estremeceu como se quisesse ir a pique.

O pirata fugia: a corveta deu-lhe caça. As descargas trocaram-se então mais fortes de ambos os lados.

Enfim o navio pirata pareceu ceder. Atracaram-se os dois navios como para uma luta. A corveta vomitou sua gente a bordo do inimigo. O combate tornou-se sangrento — era um matadouro!... o chão do navio escorregava de tanto sangue: o mar ansiava cheio de escumas ao boiar de tantos cadáveres. Nesta ocasião sentiu-se uma fumaça que subia do porão. O pirata dera fogo às

pólvoras... Apenas a corveta por uma manobra atrevida pôde afastar-se do perigo. Mas a explosão fez-lhe grandes estragos. Alguns minutos depois o barco do pirata voou pelos ares. Era uma cena pavorosa ver entre aquela fogueira de chamas, ao estrondo da pólvora, ao reverberar deslumbrador do fogo nas águas, os homens lançados ao ar irem cair no oceano.

Uns a meio queimados se atiravam à água, outros com os membros esfolados e a pele a lhes despegar-se do corpo nadavam ainda entre dores horríveis e morriam torcendo-se em maldições.

A uma légua da cena do combate havia uma praia bravia, cortada de rochedos... Aí se salvaram os piratas que puderam fugir.

E nesse tempo, enquanto o comandante se batia como um bravo, eu o desonrava como um covarde.

Não sei como se passou o tempo todo que decorreu depois. Foi uma visão de gozos malditos — eram os amores de Satã e de Eloá,<sup>19</sup> da morte e da vida, no leito do mar.

Quando acordei um dia desse sonho, o navio tinha encalhado num banco de areia: o ranger da quilha a morder na areia gelou a todos... Meu despertar foi a um grito de agonia...

— Olá, mulher, taverneira maldita, não vês que o vinho acabou-se?

Depois foi um quadro horrível! Éramos nós numa jangada no meio do mar. Vocês que leram o Don Juan,<sup>20</sup> que fizeram talvez daquele veneno a sua Bíblia, que dormiram as noites da saciedade como eu, com a face sobre ele, e com os olhos ainda fitos nele viram tanta vez amanhecer, sabem quanto se coa de horror ante aqueles homens atirados ao mar, num mar sem horizonte, ao balanço das águas, que parecem sufocar seu sarcasmo na mudez fria de uma fatalidade!

Uma noite, a tempestade veio... apenas houve tempo de amarrar nossas munições... Fora necessário ver o oceano bramindo no escuro como um bando de leões com fome, para saber

---

<sup>19</sup> Personagens do poema “Éloa ou la soeur des anges”, de Alfred de Vigny. Eloá, figura angelical nascida de uma lágrima de Cristo, apaixonou-se por um anjo indomável e orgulhoso, Satã.

<sup>20</sup> Uma das obras mais conhecidas de Lord Byron.

Noite na Taverna

o que é uma tempestade! fora necessário vê-la de uma jangada à luz da tempestade, às blasfêmias dos que não creem e maldizem, às lágrimas dos que esperam e desesperam, aos soluços dos que tremem e tiritam de susto como aquele que bate à porta do nada... E eu, eu ria: era como o gênio do ceticismo naquele deserto. Cada vaga que varria nossas tábuas descosidas arrastava um homem, mas cada vaga que me rugia aos pés parecia respeitar-me. Era um oceano como aquele de fogo, onde caíram os anjos perdidos de Milton — o cego, quando eles passavam cortando-as a nado, as águas do pântano de lava se apertavam: a morte era para os filhos de Deus, não para o bastardo do mal!

Toda aquela noite passei com a mulher do comandante nos braços. Era um casamento terrível aquele que se consumava entre um descrente e uma mulher pálida que enlouquecia: o tálamo era o Oceano, a espuma das vagas era a seda que nos revestia o leito. Em meio daquele concerto de uivos que nos ia ao pé, os gemidos nos sufocavam: e nós rolávamos abraçados, atados a um cabo da jangada, por sobre as tábuas...

Quando a aurora veio, restávamos cinco: era, a mulher do comandante, ele e dois marinheiros...

Alguns dias comemos umas bolachas repassadas do salgado da água do mar. Depois tudo o que houve de mais horrível se passou...

— Por que empalideces, Solfieri? a vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? é a espuma que ferve hoje a torrente e amanhã desmaia: alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam como nossas faces as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo, despido como um cadáver que se banha antes de dar a sepultura! Miséria! loucura!

— Muito bem! miséria e loucura! — interrompeu uma voz.

O homem que falara era um velho. A testa se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram ondas que o vento da



Noite na Taverna

velhice lhe cavava no mar da vida... Sob espessas sobranceiras grisalhas, lampejavam-lhe os olhos pardos, e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um casaco negro e esfarrapado, e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.

— Quem és, velho? — perguntou o narrador.

— Passava lá fora: a chuva caía a cântaros: a tempestade era medonha: entrei. Boa-noite, senhores! se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até as bordas e beberei com vocês.

— Quem és?

— Quem eu sou? na verdade será difícil dizer: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. Fui poeta e como poeta cantei. Fui soldado e banhei minha testa juvenil nos últimos raios de sol da águia de Waterloo.<sup>21</sup> Apertei ao fogo da batalha a mão do homem do século.<sup>22</sup> Bebi numa taverna com Bocage — o português, ajoelhei-me na Itália sobre o túmulo de Dante e fui à Grécia para sonhar como Byron naquele túmulo das glórias do passado. Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta, sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta. Sentei-me à sombra de todos os sóis, beijei lábios de mulheres de todos os países; e de todo esse peregrinar só trouxe duas lembranças: um amor de mulher que morreu nos meus braços na primeira noite de embriaguez e de febre e uma agonia de poeta... Dela tenho uma rosa murcha e a fita que prendia seus cabelos. Dele olhem...

O velho tirou do bolso um embrulho: era um lençol vermelho o invólucro: desataram-no: dentro estava uma caveira.

— Uma caveira! — gritaram em torno. — és um profanador de sepulturas?

---

<sup>21</sup> Referência à batalha de Waterloo, cidade da Bélgica, travada em 18 de junho de 1815.

<sup>22</sup> Entre os escritores do romantismo brasileiro, é assim que é conhecido Napoleão Bonaparte.

— Olha, moço, se entendes a ciência de Gall e Spurzheim,<sup>23</sup> diz-me pela protuberância dessa testa e pelas bossas dessa cabeça quem podia ser esse homem?

— Talvez um poeta... talvez um louco.

— Muito bem! adivinhaste. Só erraste não dizendo que talvez ambas as coisas a um tempo. Sêneca o disse: a poesia é a insânia. Talvez o gênio seja uma alucinação, e o entusiasmo precise da embriaguez para escrever o hino sanguinário e fervoroso de Rouget de Lisle<sup>24</sup> ou para, na criação do painel medonho do Cristo morto de Holbein,<sup>25</sup> estudar a corrupção no cadáver. Na vida misteriosa de Dante, nas orgias de Marlowe, no peregrinar de Byron havia uma sombra da doença de Hamlet: quem sabe?

— Mas a que vem tudo isso?

— Vocês não bradaram miséria e loucura! vocês, almas onde talvez borbulhava o sopro de Deus, cérebros que a luz divindade gênio esclarecia e que o vinho enchia de vapores e a saciedade de zombarias? Encham as taças até a borda! **encham-nas** e bebam; bebam a lembrança do cérebro que ardeu nesse crânio, da alma que aí habitou, do poeta-louco — Werner! e eu bradarei ainda uma vez: — miséria e loucura!

O velho esvaziou o copo, embuçou-se e saiu. Bertram continuou a sua história.

— Eu lhes dizia que ia passar-se uma coisa horrível: não havia mais alimentos, e no homem despertava a voz do instinto, das entranhas que tinham fome, que pediam seu alimento como o cão do matadouro, fosse embora sangue.

A fome! a sede!... tudo quanto há de mais horrível...

Na verdade, senhores, o homem é uma criatura perfeita! Estatuário sublime, Deus esgotou no talhar desse mármore todo

---

<sup>23</sup> Johann Gaspar Spurzheim (1776–1832) foi um médico alemão e o mais importante discípulo de Franz Joseph Gall. Foi responsável por desenvolver a frenologia, método que pretende decifrar, pela forma externa da cabeça, o caráter e o grau de criminalidade de uma pessoa.

<sup>24</sup> Romancista e poeta francês que, em 1792, compôs o Hino Nacional da França.

<sup>25</sup> Hans Holbein (1498–1543), o jovem, foi um famoso pintor alemão, um dos mestres do Renascimento.



Noite na Taverna

o seu esmero. Prometeu divino, encheu-lhe o crânio protuberante da luz do gênio. Ergueu-o pela mão, mostrou-lhe o mundo do alto da montanha, como Satã quatro séculos depois o fez a Cristo, e disse-lhe: Vê, tudo isso é belo — vales e montes, águas do mar que espumam, folhas das florestas que tremem e susurram como as asas dos meus anjos — tudo isso é teu. Fiz-te o mundo belo no véu purpúreo do crepúsculo, dourei-te aos raios de minha face. Fiz-te rei da terra! banha a fronte olímpica nessas brisas, nesse orvalho, na espuma dessas cataratas. Sonha como a noite, canta como os anjos, dorme entre as flores! Olha! entre as folhas floridas do vale dorme uma criatura branca como o véu das minhas virgens, loura como o reflexo das minhas nuvens, harmoniosa como as aragens do céu nos arvoredos da terra. É tua: acorda-a, ama-a, e ela te amará; no seio dela, nas ondas daquele cabelo, afoga-te como o sol entre vapores. Rei no peito dela, rei na terra, vive de amor e crença, de poesia e de beleza, levanta-te, vai e serás feliz!

Tudo isso é belo, sim! mas é a ironia mais amarga, a decepção mais árida de todas as ironias e de todas as decepções. Tudo isso se apaga adiante de dois fatos muito prosaicos — a fome e a sede.

O gênio, a águia altiva que se perde nas nuvens, que se esquentava no eflúvio da luz mais ardente do sol — cair assim com as asas torpes e verminosas no lodo das charnecas? Poeta! porque no meio do arroubo mais sublime do espírito, uma voz sarcástica e mefistofélica te brada: — meu Fausto, ilusões!... a realidade é a matéria!? Deus escreveu *Aváyxn*<sup>26</sup> na fronte de sua criatura! — Don Juan! por que choras a esse beijo morno de Haidéia<sup>27</sup> que desmaia-te nos braços?? a prostituta te venderá amanhã mais queimadores!... Miséria!... E dizer que tudo o que há de mais divino no homem, de mais santo e perfumado na alma se infunde no lodo da realidade, se revolve no charco e ache ainda uma convulsão infame para dizer — sou feliz!...

---

<sup>26</sup> Palavra que em grego significa destino.

<sup>27</sup> Heroína do Canto 2 do romance *Dom Juan*, de Byron.

Isso tudo, senhores, pare dizer-lhes uma coisa muito simples... um fato velho e batido — uma prática do mar, uma lei do naufrágio — a antropofagia.

Dois dias depois de acabados os alimentos, restavam três pessoas: eu, o comandante e ela — eram três figuras macilentas como o cadáver, cujos peitos nus arquejavam como a agonia, cujos olhares fundos e sombrios se injetavam de sangue como a loucura.

O uso do mar — não quero dizer a voz da natureza física, o brado do egoísmo do homem — manda a morte de um para a vida de todos. — Tiramos a sorte— o comandante teve por lei morrer.

Então o instinto de vida se lhe despertou ainda. Por um dia mais de existência, mais um dia de fome e sede de leito úmido e varrido pelos ventos frios do norte, mais umas horas mortas de blasfêmia e de agonia, de esperança e desespero, de orações e descrenças, de febre e de ânsia, o homem ajoelhou-se, chorou, gemeu a meus pés...

— Olhai — dizia o miserável. — Esperemos até amanhã. Deus terá compaixão de nós... Por sua mãe, pelas entranhas de sua mãe, por Deus se ele existe, deixai-me ainda viver!

Oh! a esperança é pois como uma parasita que morde e despedaça o tronco, mas quando ele cai, quando morre e apodrece, ainda o aperta em seus convulsos braços! Esperar! quando o vento do mar açoita as ondas, quando a espuma do oceano vos lava o corpo lívido e nu, quando o horizonte é deserto e sem termo, e as velas que, branqueiam ao longe parecem fugir! Pobre louco!

Eu ri-me do velho. Tinha as entranhas em fogo. Morrer hoje, amanhã ou depois... tudo me era indiferente, mas hoje eu tinha fome, e ri-me porque tinha fome.

O velho lembrou-me que me acolhera a seu bordo, por piedade de mim, lembrou-me que me amava... — e uma torrente de soluços e lágrimas afogava o bravo que nunca empalidecera diante da morte.

Parece que a morte no oceano é terrível para os outros homens: quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as

## Noite na Taverna

mãos, correm à morte como um rio ao mar, como a cascavel ao fogo. Mas assim... no deserto — nas águas — eles temem-na, tremem diante dessa caveira fria da morte!

Eu ri-me porque tinha fome.

Então o homem ergueu-se. A fúria levantou nele com a última agonia. Cambaleava, e um suor frio lhe corria no peito descarnado. Apertou-me nos seus braços amarelentos e lutamos ambos corpo a corpo, peito a peito, pé por pé — por um dia de miséria!

A lua amarelada erguia sua face desbotada, como uma meretriz cansada de uma noite de devassidão — do céu escuro parecia zombar desses dois moribundos que lutavam por uma hora de agonia...

O valente do combate desfalecia... caiu: pus-lhe o pé na garganta, sufoquei-o e expirou...

Não cubram o rosto com as mãos — você fariam o mesmo... Aquele cadáver foi nosso alimento por dois dias...

Depois, as aves do mar já baixavam para partilhar minha presa; e às minhas noites fastientas uma sombra vinha reclamar sua ração de carne humana...

Lancei os restos ao mar...

Eu e a mulher do comandante passamos — um dia, dois — sem comer nem beber...

Então ela propôs-me morrer comigo. Eu disse-lhe que sim. Esse dia foi a última agonia do amor que nos queimava: gastamo-lo em convulsões para sentir ainda o mel fresco da voluptuosidade banhar-nos os lábios... Era o gozo febril que podem ter duas criaturas em delírio de morte. Quando soltei-me dos braços dela, a fraqueza a fazia desvairar. O delírio tornava-se mais longo, mais longo: debruçava-se nas ondas e bebia a água salgada, e me oferecia nas mãos pálidas, dizendo que era vinho. As gargalhadas frias vinham mais desordenadamente.

Estava louca.

Não dormi — não podia dormir: uma sonolência ardente me fervia as pálpebras: o hálito de meu peito parecia fogo: meus lábios secos e estalados apenas se orvalhavam de sangue.

Tinha febre no cérebro — e meu estômago tinha fome.



Noite na Taverna

Tinha fome como a fera.

Apertei-a nos meus braços, oprimi-lhe nos beijos a minha boca em fogo: apertei-a convulsivo — sufoquei-a. Ela era ainda tão bela!

Não sei que delírio estranho se apoderou de mim. Uma vertigem me rodeava. O mar parecia rir de mim, e rodava em torno, espumante e esverdeado, como um sorvedouro. As nuvens pairavam correndo e pareciam filtrar sangue negro. O vento que me passava nos cabelos murmurava uma lembrança...

De repente senti-me só. Uma onda me arrebatara o cadáver. Eu a vi boiar pálida como suas roupas brancas, seminua, com os cabelos banhados de água: eu via-a erguer-se na espuma das vagas, desaparecer e boiar de novo: depois não a distingui mais — era como a espuma das vagas, como um lençol lançado nas águas...

Quantas horas, quantos dias passei naquela sonolência — nem o sei... Quando acordei desse pesadelo de homem desperto, estava a bordo de um navio.

Era o brigue<sup>28</sup> inglês *Swallow*, que me salvara...

— Olá, taverneira, bastarda de Satã! não vês que tenho sede, e as garrafas estão secas, secas como tua face e como nossas gargantas?

---

<sup>28</sup> Tipo de embarcação de dois mastros com velas redondas.

## Capítulo 4

### Gennaro

*Morra ou mate!*

(Pierre Corneille)

— Gennaro, dormes ou embebes-te no sabor do último trago do vinho, da última fumaça do teu cachimbo?

— Não: quando contavas tua história, lembrava-me uma folha da vida, folha seca e avermelhada como as do outono e que o vento varreu.

— Uma história?

— Sim: é uma das minhas histórias. Sabes, Bertram, eu sou pintor... É uma lembrança triste essa que vou revelar, porque é a história de um velho e de duas mulheres, belas como duas visões de luz.

Godofredo Walsh era um desses velhos sublimes, em cujas cabeças os cabelos se parecem ao diadema prateado do gênio. Velho já, casara em segundas núpcias com uma beleza de vinte anos. Godofredo era pintor: diziam uns que este casamento fora um amor artístico por aquela beleza romana, como que feita ao molde das belezas antigas; outros criam-no compaixão pela pobre moça que vivia de servir de modelo. O fato é que ele a queria como filha, como Laura, a filha única de seu primeiro casamento, Laura... corada como uma rosa e loura como um anjo.

Eu era nesse tempo moço: era aprendiz de pintura na casa de Godofredo. Eu era lindo então! que trinta anos lá vão, que ainda os cabelos e as faces me não haviam desbotado como nesses longos quarenta e dois anos de vida! Eu era aquele tipo de jovem ainda puro do ar infantil, pensativo e melancólico como o Rafael<sup>29</sup> se retratou no quadro da galeria Barberini. Eu tinha quase a idade da mulher do mestre.— Nauza tinha vinte, e eu tinha dezoito anos.

---

<sup>29</sup> Referência ao pintor italiano Rafael Sanzio (1483–1520).

Noite na Taverna

Amei-a, mas meu amor era puro como meus sonhos de dezoito anos. Nauza também me amava: era um sentir tão puro! era uma emoção solitária e perfumosa como as primaveras cheias de flores e de brisas que nos embalavam aos céus da Itália.

Como eu o disse, o mestre tinha uma filha chamada Laura. Era uma moça pálida, de cabelos castanhos e olhos azulados; sua pele era branca, e, só as vezes, quando a vergonha a incendia, duas rosas lhe avermelhavam a face e se destacavam no fundo de mármore. Laura parecia querer-me como a um irmão. Seus risos, seus beijos de criança de quinze anos eram só pare mim. À noite, quando eu ia deitar-me, ao passar pelo corredor escuro com minha lâmpada, uma sombra me apagava a luz e um beijo me pousava nas faces, nas trevas.

Muitas noites foi assim.

Uma manhã — eu dormia ainda — o mestre saíra e Nauza fora à igreja, quando Laura entrou no meu quarto e fechou a porta: deitou-se a meu lado. Acordei nos braços dela.

O fogo de meus dezoito anos, a primavera virginal de uma beleza ainda inocente, o seio seminu de uma donzela a bater sobre o meu: isso tudo, ao despertar dos sonhos alvos da madrugada, me enlouqueceu...

Todas as manhãs Laura vinha a meu quarto...

Três meses passaram assim. Um dia entrou ela no meu quarto e disse-me:

— Gennaro, estou desonrada pare sempre... A princípio eu quis-me iludir, já não o posso, estou de esperanças...

Um raio que me caísse aos pés não me assustaria tanto.

— É preciso que cases comigo, que me peças ao meu pai, ouves, Gennaro?

Eu calei-me.

— Não me amas então?

Calei-me ainda.

— Oh! Gennaro, Gennaro!

E caiu no meu ombro desfeita em soluços. Carreguei-a assim fria e fora de si pare seu quarto.

Nunca mais tornou a falar-me em casamento.

Que havia de eu fazer? contar tudo ao pai e pedi-la em casamento? fora uma loucura... Ele me mataria e a ela: ou pelo



SCHLOSSER



Noite na Taverna

menos me expulsaria de sua casa... E Nauza? cada vez eu a amava mais. Era uma lute terrível essa que se travava entre o dever e o amor, e entre o dever e o remorso.

Laura não me falara mais. Seu sorriso era frio: cada dia tornava-se mais pálida, mas a gravidez não crescia, antes mais nenhum sinal se lhe notava...

O velho levava as noites passeando no escuro. Já não pintava. Vendo a filha que morria aos sons secretos de uma harmonia de morte, que empalidecia cada vez mais, o misérrimo arrancava os cabelos.

Eu contudo não esquecera Nauza, nem ela se esquecia de mim. Meu amor era sempre o mesmo: eram sempre noites de esperança e de sede que me banhavam de lágrimas o travesseiro. Só às vezes a sombra de um remorso me passava, mas a imagem dela dissipava todas essas névoas.

Uma noite... foi horrível... vieram chamar-me: Laura morria. Na febre murmurava meu nome e palavras que ninguém podia reter, tão apressadas e confusas lhe soavam. Entrei no quarto dela: a doente conheceu-me. Ergueu-se branca, com a face úmida de um suor copioso: chamou-me. Sentei-me junto do leito dela. Apertou minha mão nas suas mãos frias e murmurou em meus ouvidos:

— Gennaro, eu te perdoo: eu te perdoo tudo... Eras um infame... Morrerei... Fui uma louca... Morrerei por tua causa... teu filho... o meu... vou vê-lo ainda... mas no céu... meu filho que matei... antes de nascer...

Deu um grito: estendeu convulsivamente os braços como para repelir uma ideia, passou a mão pelos lábios como para enxugar as últimas gotas de uma bebida, contorceu-se no leito, lívida, fria, banhada de suor gelado e arquejou... Era o último suspiro.

Um ano todo se passou assim para mim. O velho parecia endoidecido. Todas as noites fechava-se no quarto onde morrera Laura: levava aí a noite toda em solidão. Dormia? ah que não! Longas horas eu o escutei no silêncio arfar com ânsia, outras vezes afogar-se em soluços. Depois tudo emudecia: o silêncio durava horas, o quarto era escuro; e depois as passadas pesadas

do mestre se ouviam pelo quarto, mas vacilantes como de um bêbedo que cambaleia.

Uma noite eu disse a Nauza que a amava: ajoelhei-me junto dela, beijei-lhe as mãos, reguei seu colo de lágrimas. Ela voltou a face: eu cri que era desdém, ergui-me.

— Então, Nauza, tu não me amas — disse eu.

Ela permanecia com o rosto voltado.

— Adeus, pois: perdoa-me se te ofendi: meu amor é uma loucura, minha vida é uma desesperança. O que me resta? Adeus, irei longe, longe daqui talvez então eu possa chorar sem remorso...

Tomei-lhe a mão e beijei-a.

Ela deixou sua mão nos meus lábios.

Quando ergui a cabeça, eu a vi: ela estava debruçada em lágrimas.

— Nauza! Nauza! uma palavra, tu me amas?

Tudo o mais foi um sonho: a lua passava entre os vidros da janela aberta e batia nela: nunca eu a vira tão pura e divina!

E as noites que o mestre passava soluçando no leito vazio de sua filha, eu as passava no leito dele, nos braços de Nauza.

Uma noite houve um fato espantoso.

O mestre veio ao leito de Nauza. Gemia e chorava aquela voz cavernosa e rouca: tomou-me pelo braço com força acordou-me, e levou-me arrastado ao quarto de Laura...

Atirou-me ao chão: fechou a porta. Uma lâmpada estava acesa no quarto defronte de um painel. Ergueu o lençol que o cobria. Era Laura moribunda! E eu macilento como ela tremia como um condenado. A moça com seus lábios pálidos murmurava no meu ouvido...

Eu tremi de ver meu semblante tão lívido na tela e lembrei-me que naquele dia ao sair do quarto da morta, no espelho dela que estava ainda pendurado à janela, eu me horrorizara de verme cadavérico...

Um tremor, um calafrio se apoderou de mim. Ajoelhei-me e chorei lágrimas ardentes. Confessei tudo: parecia-me que era ela quem o mandava, que era Laura que se erguia dentre os lençóis do seu leito e me acendia o remorso e no remorso me rasgava o peito.

Noite na Taverna

Por Deus! que foi uma agonia!

No outro dia o mestre conversou comigo friamente. Lamentou a falta de sua filha, mas sem uma lágrima: sobre o passado na noite, nem palavra.

Todas as noites era a mesma tortura, todos os dias a mesma frieza.

O mestre era sonâmbulo...

E pois eu não me cri perdido...

Contudo, lembrei-me que uma noite, quando eu saía do quarto de Laura com o mestre, no escuro vira uma roupa branca passar-me por perto, roçaram-me uns cabelos soltos, e nas lajes do corredor estalavam umas passadas tímidas de pés nus. Era Nauza que tudo vira e tudo ouvira, que se acordara e sentira minha falta no leito, que ouvira esses soluços e gemidos e correria para ver...

Uma noite, depois da ceia, o mestre Walsh tomou sua capa e uma lanterna e chamou-me para acompanhá-lo. Tinha de sair fora da cidade e não queria ir só. Saímos juntos: a noite era escura e fria. O outono desfolhara as árvores, e os primeiros sopros do inverno rugiam nas folhas secas do chão. Caminhamos juntos muito tempo: cada vez mais nos entranhávamos pelas montanhas, cada vez o caminho era mais solitário. O velho parou. Era na fralda de uma montanha. À direita o rochedo se abria num trilho: à esquerda as pedras soltas por nossos pés a cada passada se despegavam e rolavam pelo despenhadeiro, e instantes depois se ouvia um som como de água onde cai um peso...

A noite era escuríssima. Apenas a lanterna alumiaava o caminho tortuoso que seguíamos. O velho lançou os olhos à escuridão do abismo e riu-se.

— Espera-me aí — disse ele. — Já venho.

Godofredo tomou a lanterna e seguiu para o cume da montanha: eu sentei-me no caminho a sua espera: vi aquela luz ora perder-se, ora reaparecer entre os arvoredos nos ziguezagues do caminho. Por fim vi-a parar. O velho bateu a porta de uma cabana: a porta abriu-se. Entrou. O que aí se passou nem o sei: quando a porta abriu-se de novo uma mulher lívida e desgredada apareceu com um facho na mão.

A porta fechou-se. Alguns minutos depois o mestre estava comigo.

O velho assentou a lanterna num rochedo, despiu a capa e disse-me:

— Gennaro, quero contar-te uma história. É um crime, quero que sejas juiz dele. Um velho era casado com uma moça bela. De outras núpcias tinha uma filha bela também. Um aprendiz, um miserável que ele erguera da poeira, como o vento às vezes ergue uma folha, mas que ele podia reduzir a ela quando quisesse...

Eu estremei, os olhares do velho pareciam ferir-me.

— Nunca ouviste essa história, meu bom Gennaro?

— Nunca — disse eu a custo e tremendo.

— Pois bem, esse infame desonrou o pobre velho: traiu-o como Judas ao Cristo.

— Mestre, perdão!

— Perdão! E perdoou o malvado ao pobre coração do velho?

— Piedade!

— E teve ele dó da virgem, da desonra, da infanticida?

— Ah! — gritei.

— Que tens? conheces o criminoso?

A voz de sarcasmo dele me abafava.

— Vês, pois, Gennaro — disse ele mudando de tom —, se houvesse um castigo pior que a morte, eu te daria. Olha esse despenhadeiro! É medonho! se o visses de dia, teus olhos se escureceriam e aí rolarias talvez de vertigem! É um túmulo seguro: e guardará o segredo, como um peito o punhal. Só os corvos irão lá ver-te, só os corvos e os vermes. E pois, se tens ainda no coração maldito um remorso, reza tua última oração: mas seja breve. O algoz espera a vítima: a hiena tem fome de cadáver...

Eu estava ali pendente junto à morte. Tinha só a escolher o suicídio ou ser assassinado. Matar o velho era impossível. Uma luta entre mim e ele fora insana. Ele era robusto, a sua estatura alta, seus braços musculosos me quebrariam como o vendaval rebenta um ramo seco. Demais, ele estava armado. Eu... eu era uma criança débil: ao meu primeiro passo ele me arrojaria da pedra em cujas bordas eu estava... Só me restaria morrer com ele, arrastá-lo na minha queda. Mas para quê?

Noite na Taverna

Eu curvei-me no abismo: tudo era negro, o vento lá gemia embaixo nos ramos desnudos, nas urzes, nos espinhais ressequidos, e a torrente lá chocalhava no fundo espumando nas pedras.

Eu tive medo.

Orações, ameaças, tudo seria em vão.

— Estou pronto — disse.

O velho riu-se: infernal era aquele rir dos seus lábios estalados de febre. Só vi aquele riso... Depois foi uma vertigem... o ar que sufocava, um peso que me arrastava, como naqueles pesadelos em que se cai de uma torre e se fica preso ainda pela mão, mas a mão cansa. fraqueja, sua, esfria... Era horrível: ramo a ramo, folha por folha os arbustos me estalavam nas mãos, as raízes secas que saíam pelo despenhadeiro estalavam sobre meu peso e meu peito sangrava nos espinhais. A queda era muito rápida... De repente não senti mais nada... Quando acordei estava junto a uma cabana de camponeses que me tinham apanhado junto da torrente, preso nos ramos de uma azinheira<sup>30</sup> gigantesca que assombrava o rio.

Era depois de um dia e uma noite de delírios que eu acordara. Logo que sarei, uma ideia me veio: ir ter com o mestre. Ao ver-me salvo assim daquela morte horrível, pode ser que se apiedasse de mim, que me perdoasse, e então eu seria seu escravo, seu cão, tudo o que houvesse de mais desprezível num homem que se humilha — tudo! — contanto que ele me perdoasse. Viver com aquele remorso me parecia impossível. Parti pois: no caminho topei um punhal. Ergui-o: era o do mestre. Veio-me então uma ideia de vingança e de soberba. Ele quisera matar-me, ele tinha rido à minha agonia, e eu havia de ir chorar-lhe ainda aos pés para ele repelir-me ainda, cuspir-me nas faces e amanhã procurar outra vingança mais segura?... Eu humilhar-me quando ele me tinha abatido! Os cabelos me arrepiaram na cabeça, e suor frio me rolava pelo rosto.

Quando cheguei à casa do mestre, achei-a fechada. Bati... não abriram. O jardim da casa dava para a rua: saltei o muro: tudo estava deserto e as portas que davam para ele estavam também

---

<sup>30</sup> Tipo de árvore que chega a medir 10 metros de altura.

SCHLOSSER



Noite na Taverna

fechadas. Uma delas era fraca: com pouco esforço arrombei-a. Ao estrondo da porta que caiu, só o eco respondeu nas salas. Todas as janelas estavam fechadas e contudo era dia claro fora. Tudo estava escuro: nem uma lâmparina acesa. Caminhei tateando até a sala do pintor. Cheguei lá, abri as janelas e a luz do dia derramou-se na sala deserta. Cheguei então ao quarto de Nauza, abri a porta e um bafo pestilento corria daí. O raio da luz bateu em uma mesa. Junto estava uma forma de mulher com a face na mesa, e os cabelos caídos: atirado numa poltrona um vulto coberto com um capuz. Entre eles um copo onde se depositara um resíduo polvilhento. Ao pé estava um frasco vazio. Depois eu o soube — a velha da cabana era uma mulher que vendia veneno: era ela decerto que o vendera, porque o pó branco do copo parecia sê-lo...

Ergui os cabelos da mulher, levantei-lhe a cabeça . Era Nauza, mas Nauza cadáver, já desbotada pela podridão. Não era aquela estátua alvíssima de outrora, as faces macias e colo de neve. Era um corpo amarelo... Levantei uma ponta da capa do outro: o corpo caiu de bruços com a cabeça para baixo; ressoou no pavimento o estalo do crânio... Era o velho, morto também e roxo e apodrecido: eu o vi: — da boca lhe corria uma espuma esverdeada.

## Capítulo 5

### Claudius Hermann

*...Êxtase!  
Meu pulso, como o seu,  
sobriamente mantém o tempo.  
E o faz como música salubre:  
Não é loucura  
O que tenho proferido.*

(Hamlet, Shakespeare.)

— E tu, Hermann! Chegou a tua vez. Um por um evocamos ao cemitério do passado um cadáver. Um por um erguemo-lhe o sudário para mostrar-lhe uma mancha de sangue. Fala que chegou tua vez.

— Claudius sonha algum soneto ao jeito do Petrarca, alguma auréola de pureza como a dos espíritos puros da Messíada!<sup>31</sup> — disse Johann, entre uma fumaça e uma gargalhada, erguendo a cabeça da mesa.

— Pois bem! querem um história? Eu posso contar, como vocês, loucuras de noites de orgia; mas para quê? Fora sarcasmo Fausto ir lembrar a Mefistófeles<sup>32</sup> as horas de perdição que lidou com ele. Saibam-nas... essas minhas nuvens do passado, **leram-no** à farta o livro desbotado de minha existência libertina. Se o não lembrassem, a primeira mulher das ruas pudera contá-lo. Nessa torrente negra que se chama a vida e que corre para o passado enquanto nos caminhamos para o futuro, também desfolhei muitas crenças e me lancei, despidas as minhas roupas mais perfumadas, para trajar a túnica da saturnal! O passado é o que foi, é a flor que murchou, o sol que se apagou, o cadáver que apodreceu. Lágrimas a ele? fora loucura! Que durma, e que

---

<sup>31</sup> Referência ao poema épico de Friedrich Gottlieb Klopstock (1724–1803), que é citado por Goethe como um dos primeiros encantamentos literários de sua vida.

<sup>32</sup> Personagem-chave em todas as versões da lenda de Fausto, que vende a alma a Mefistófeles em troca de bens materiais e sabedoria.



Noite na Taverna

durma com suas lembranças negras! revivam: acordem apenas as flores abertas, naquele pântano! sobreágue naquele não ser o eflúvio de alguma lembrança pura!

— Bravo! Bravíssimo! Claudius, estás completamente bêbedo! aposto que estás romântico!

— Silêncio, Bertram! certo que esta não é uma lenda para inscrever-se após das suas: uma dessas coisas que se contêm com os cotovelos na toalha vermelha e os lábios borrifados de vinho e saciados de beijos... Mas que importa?

Vocês todos que amam o jogo, que viram um dia correr naquele abismo uma onda de ouro, redemoinhar-lhe no fundo, como um mar de esperanças que se embate na ressaca do acaso, sabem melhor que vertigem nos tonteia então... idealizem-na melhor a loucura que nos delira naqueles jogos de milhares de homens, onde fortuna, aspirações, a vida mesma vão-se na rapidez de uma corrida, onde todo esse complexo de misérias e desejos, de crimes e virtudes que se chama a existência se joga numa corrida de cavalos!

Apostei como homem a quem não doera empobrecer: o luxo também sacia; é essa uma saciedade terrível! para ela nada basta... nem as danças do Oriente, nem as lupercais romanas,<sup>33</sup> nem os incêndios de uma cidade inteira lhe alimentariam a seiva de morte, essa vitalidade do veneno de que fala Byron. Meu lance na corrida de cavalo foi minha fortuna inteira. Eu era rico, muito rico então: em Londres ninguém ostentava mais dispendiosas devassidões: nenhum príncipe numa noite desperdiçava dinheiro como eu. O suor de três gerações derramava-o eu no leito das perdidas e no chão das minhas orgias...

No instante em que as corridas iam começar, em que todos sentiam-se febris de impaciência, um murmúrio correu pelas multidões, um sorriso... e depois eram as testas que se expandiam, e depois uma mulher passou a cavalo.

Se vocês vissem-na, como eu, no cavalo negro, com as roupas de veludo, as faces vivas, o olhar ardente entre o desdém dos cílios, transluzindo a rainha em todo aquele corpo soberbo: se

---

<sup>33</sup> Festas de purificação celebradas na Roma antiga em homenagem ao deus Pã.

vissem-na bela na sua beleza plástica e harmônica, linda nas suas cores puras e acetinadas, nos cabelos negros, e a pele branca da testa; o oval das faces coradas, o fogo de nácar dos lábios finos, o esmero do colo ressaltando nas roupas de amazona: aposto que se vissem-na assim, senhores, vocês não haviam de rir de desdém como riem agora!

— Romantismo! debes estar muito bêbado, Claudius, para que nos teus lábios secos de Lovelace<sup>34</sup> e na tua insensibilidade de D. Juan venha a poesia ainda passar-te um beijo!

— Riam, sim! misérrimos! que vocês não compreendem o que porventura vai de incêndio por aqueles lábios de Lovelace e como arqueja o amor sob as roupas gotejantes de chuvas de D. Juan, o libertino! Insano, que nunca sonharam Lovelace sem sua máscara talvez chorando Clarissa Harlowe, pobre anjo, cujas asas brancas ele ia desbotar maldizendo essa fatalidade que faz do amor uma infâmia e um crime. Mil vezes insanos que nunca sonharam o espanhol acordando no bordel, passando a mão pela frente e rugindo de remorso e saudade ao lembrar tantas visões alvas do passado!

— Bravo! bravo!

— Poesia! poesia! — murmurou Bertram.

— Poesia! por que pronunciar à virgem casta o nome santo, como um mistério, no lodo escuro da taverna? Por que lembrá-la a estrela do amor à luz do lampião da crápula? Poesia! vocês sabem o que é a poesia?

— Meio cento de palavras sonoras e vãs que um punhado de homens pálidos entende, uma escada de sons e harmonias que àquelas almas loucas parecem ideias e lhes despertam ilusões como a lua às sombras... Isto no que se chama os poetas. Agora, no ideal, na mulher, o ressentimento do último romance, o delírio e a paixão da última heroína de novela, e o presente incerto e vago de um gozo místico, pelo qual a virgem morre de prazer, sem saber por quê. .

— Silêncio, Bertram! os vinhos queimaram teu cérebro,

---

<sup>34</sup> Personagem do romance *Clarissa, or, the History of a Young Lady*, de Samuel Richardson, publicado em 1748. Na história, Clarissa Harlowe é obrigada a casar com Robert Lovelace, que se revela um ser indigno de confiança.

## Noite na Taverna

como a lava de um vulcão as relvas e flores da campina. Silêncio! és como essas plantas que nascem e mergulham-se no mar morto: cobre-as uma cristalização calcária, enfezam-se e mirram. A poesia, eu te direi também por minha vez, é o voo das aves da manhã no banho morno das nuvens vermelhas da madrugada, é o cervo que se rola no orvalho da montanha relvosa, que se esquece da morte de amanhã, da agonia de ontem em seu leito de flores!

— Basta, Claudius: que isso que aí dizes ninguém o entende: são palavras, palavras e palavras, como o disse Hamlet: e tudo isso é inútil e vazio como uma caveira seca, mentiroso como os vapores infectos da terra que o sol no crepúsculo colore de mil cores e que se chamam as nuvens ou essa fada zombadora e nevoenta que se chama a poesia!

— A história! a história! Claudius, não vês que essa discussão nos fez bocejar de tédio?

— Pois bem, contarei o resto da história. No fim desse dia eu tinha dobrado minha fortuna.

No dia seguinte eu a vi: era no teatro. Não sei o que representaram; não sei o que ouvi, nem o que vi; sei só que lá estava uma mulher — bela como tudo quanto passa mais puro à concepção do estatuário. Essa mulher era a duquesa Eleonora No outro dia vi-a num baile... Depois... passaram-se seis meses! concebem? seis meses de agonia e desejo anelante — seis meses de amor com a sede da fera! seis meses! como foram longos!

Um dia achei que era demais. Todo esse tempo havia passado em contemplação, em vê-la, amá-la e sonhá-la: apertei minhas mãos jurando que isso não iria além, que era muito esperar em vão e que se ela não viria, como Gulnare aos pés do Corsário,<sup>35</sup> a ele cabia ir falar com ela.

Uma noite tudo dormia no palácio do duque. A duquesa, cansada do baile, adormecia num divã. A lâmpada de alabastro estremecia-lhe sua luz dourada na testa pálida. Parecia uma fada que dormia ao luar

O reposteiro do quarto agitou-se: um homem aí estava

---

<sup>35</sup> Referência aos personagens do drama *O corsário*, de Lord Byron (1788–1824).



SCHLOSSER

## Noite na Taverna

parado, absorto. Tinha a cabeça tão quente e febril e ele a repousava no portal.

A fraqueza era covarde: e demais, esse homem comprara uma chave e uma hora à infâmia venal de um criado; esse homem jurava que nessa noite gozaria aquela mulher: fosse embora veneno, ele beberia o mel daquela flor, o licor de escarlata daquela taça. Quanto a esses prejuízos de honra e adultério, não riam deles — não que ele ria disso. Amava e queria: a sua vontade era como a folha de um punhal — ferir ou estalar.

Na mesa havia um copo e um frasco de vinho, encheu o copo: era vinho espanhol. Chegou-se a ela, com suas roupas de veludo desatadas, seus cabelos a meio soltos ainda entremeados de pedraria e flores, seus seios meio nus, onde os diamantes brilhavam como gotas de orvalho, ergueu-a nos braços, deu-lhe um beijo. Ao calor daquele beijo, seminua, ela acordou: entre os vagos sonhos se lhe perdia uma ilusão talvez; murmurou «amor!» e com olhos entreabertos deixou cair a cabeça e adormeceu de novo.

O homem tirou do seio um frasquinho de esmeralda. Levou-o aos lábios entreabertos dela: e verteu-lhe algumas gotas que ela absorveu sem senti-las. Deitou-a e esperou. Daí a instantes o sono dela era profundíssimo... A bebida era um narcótico onde se misturaram algumas gotas daqueles licores excitantes que acordam a febre nas faces e o desejo excitante no seio.

O homem estava de joelhos: o seu peito tremia e ele estava pálido como após de uma longa noite sensual. Tudo parecia vacilar-lhe em torno...

Ela estava nua: nem veludo, nem véu leve a encobria. O homem ergueu-se, afastou o cortinado.

A lâmpada brilhou com mais força e apagou-se...

O homem era Claudius Hermann.

Quando me levantei, cobri-me com a capa e saí pelas ruas. Queria ir ter a meu palácio, mas estava tonto como um bêbado. Titubeava e o chão era liso como para quem desmaia. Uma ideia, contudo, me perseguia. Depois daquela mulher nada houvera mais para mim. Quem uma vez bebeu o suco das uvas purpúrinas do paraíso mais nunca deve inebriar-se do néctar da terra...

Quando o mel se esgotasse, o que restava a não ser o suicídio?

Uma semana se passou assim: todas as noites eu bebia nos lábios à dormida um século de gozo. Um mês, o mês em que delirantes iam os bailes de entrudo,<sup>36</sup> em que mais cheia de febre ela adormecia quente, com as faces em fogo!

Uma noite — era depois de um baile — eu esperei-a na alcova, escondido atrás do seu leito. No copo cheio d'água que estava junto à sua cabeceira derramara as últimas gotas do filtro, quando entrou ela com o Duque.

Era ele um belo moço! Antes de deixá-la passou-lhe as duas mãos pelas fontes e deu-lhe um beijo. Embevecido daquele beijo, o anjo pendeu a cabeça no ombro dele e enlaçou-o com seus braços nus, reluzentes das pulseiras de pedraria. O duque teve sede, pegou no copo da duquesa, bebeu algumas gotas; ela tomou-lhe o copo, bebeu o resto. Eu os vi assim: aquele esposo ainda tão moço, aquela mulher — ah! e tão bela! de pele ainda virgem — e apertei o punhal...

— Virás hoje, Maffio?<sup>37</sup> — disse ela.

— Sim, minh'alma.

Um beijo sussurrou, e afogou as duas almas. E eu na sombra sorri, porque sabia que ele não havia de vir.

Ele saiu, ela começou a despir-se. Eu vi uma por uma caírem as roupas brilhantes, as flores e as joias, desatarem-se as tranças reluzentes e negras e depois aparecer no véu branco do roupão transparente, como as estátuas de ninfas seminuas, com as formas desenhadas pela túnica repassada da água do banho.

O que vi... foi o que sonhara e muito, o que vocês todos, pobres insanos, idealizaram um dia como a visão dos amores sobre o corpo da vendida! Eram os seios alvos e velados de azul, trêmulos de desejo, a cabeça perdida entre a chuva de cabelos negros, os lábios arquejantes, o corpo todo palpitante: era a languidez do desalinho, quando o corpo da beleza mais se enche de beleza e, como uma rosa que abre molhada de sereno, mais se expande, mais patenteia suas cores.

---

<sup>36</sup> Antiga celebração do que hoje se conhece por Carnaval.

<sup>37</sup> Nomeia também uma personagem de uma comédia de Musset e de Lucrecia Borgia, de Hugo.

## Noite na Taverna

O narcótico era fortíssimo: uma sonolência febril lhe abria os beíços: extenuada e sem energia, caída no leito, com as pálpebras pálidas, os braços soltos e sem força, parecia beijar uma sombra.

Ergui-a do leito, carreguei-a com suas roupas diáfnas, suas formas cetinosas, os cabelos soltos úmidos ainda de perfume, seus seios ainda quentes...

Corri com ela pelos corredores desertos, passei pelo pátio — a última porta estava fechada: abri-a.

Na rua estava um carro de viagem: os cavalos relinchavam e escumavam de impaciência. Entrei com ela dentro do carro. Partimos.

Era tempo. Uma hora depois amanhecia.

Breve estivemos fora da cidade.

A madrugada aí vinha com seus vapores, seus rosais borri-fados de orvalho, suas nuvens aveludadas e as águas salpicadas de ouro e vermelhidão. A natureza corava ao primeiro beijo do sol, como branca donzela ao primeiro beijo do noivo: não como amante afanada de noite excitante como a pintou o paganismo; antes como virgem acordada do sono infantil, meio ajoelhada ante Deus; que ora e murmura suas orações balsâmicas ao céu que se azula, à terra que cintila, às águas que se douram. Essa madrugada baixava à terra como o bafo de Deus: e entre aquela luz e aquele ar fresco a duquesa dormia, pálida como os sons daquelas criaturas místicas das iluminuras da Idade Média, bela como a Vênus dormida do Ticiano<sup>38</sup> e excitante como uma das amantes do Veroneso.<sup>39</sup>

Beije-i-a: eu sentia a vida que se me evaporava nos seus lábios. Ela sobressaltou-se, entreabriu os olhos; mas o peso do sono ainda era forte, e as pálpebras descoradas se fecharam...

A carruagem corria sempre.

---

<sup>38</sup> Pintor italiano, Ticiano Vecellio (1490–1576) foi um dos principais representantes da escola veneziana no Renascimento, antecipando diversas características do Barroco e até do Modernismo.

<sup>39</sup> Paolo Caliari Veronese (1528–1588) foi um importante pintor maneirista da Renascença italiana.





Noite na Taverna

O sol estava a prumo no céu — era meio-dia: o calor abafava: pela testa, pelas faces, pelo colo da duquesa rolavam gotas de suor... Paramos numa estalagem: lancei-lhe sobre a face um véu, tomei-a nos meus braços, e levei-a a um aposento.

Ela devia ser muito bela assim! os criados paravam nos corredores: era assombro de tanta beleza, mais ainda que curiosidade indiscreta.

A dona da casa chegou-se a mim.

— Senhor, vossa esposa ou irmã, quem quer que ela seja, de certo precisará de uma criada que a sirva...

— Deixem-me: ela dorme.

Foi essa a minha única resposta.

Deitei-a no leito: corri os cortinados, fechei as janelas para que a luz lhe não perturbasse o sono. Não havia ali ninguém que nos visse; estávamos sós, o homem e seu anjo, e a criatura da terra ajoelhou-se ao pé do leito da criatura do céu.

Não sei quanto tempo correu assim; não sei se dormia, mas sei que sonhava muito amor e muita esperança; não sei se velava, mas eu a via sempre ali, eu lhe contemplava cada movimento gracioso do dormir; eu estremecia a cada alento que lhe tremia os seios, e tudo me parecia um sonho, um desses sonhos a que a alma se abandona como um cisne que modorra ao som das águas... Não sei quanto tempo correu assim: sei só que o meu delíquio quebrou-se, a duquesa estava sentada sobre o leito, com os braços nus afastava as ondas do cabelo solto que lhe cobria o rosto e o colo.

— É um sonho? — murmurou. — Onde estou eu? Quem é esse homem encostado em meu leito?

O homem não respondeu.

Ela desceu da cama: seu primeiro impulso foi o pudor: quis encobrir com as mãozinhas os seios palpitantes de susto. Sentiu-se quase nua, exposta às vistas de um estranho, e tremia como contam os poetas que tremera Diana ao ver-se exposta, no banho, nua às vistas de Actéon.<sup>40</sup>

— Senhor, diga-me por compaixão se tudo isso não é uma ilusão... se não fora uma infâmia! Nem quero pensá-lo. Maffio não deve tardar, não é assim? o meu Maffio! Tudo isso é uma comédia... Mas que alcova é esta? Eu adormeci no meu palácio... como despertei numa sala desconhecida? Diga, tudo isso é uma brincadeira de Maffio? quer se rir de mim... Mas, veja, veja, eu tremo, tenho medo.

O homem não respondia: tinha os olhos fixados naquela forma divina: seria a estátua da paixão na palidez, no olhar imóvel, nos lábios sedentos, se o arfar do peito lhe não denunciasse a vida.

Ela ajoelhou-se: nem sei o que ela dizia. não sei que palavras se evaporaram daqueles lábios: eram perfumes, porque as rosas do céu só têm perfumes; eram harmonias, porque as harpas do céu só têm harmonias; e o lábio da mulher bela é uma rosa divina, e seu coração é uma harpa do céu. Eu a escutava, mas não a entendia: sentia só que aquelas falas eram muito doces, que aquela voz tinha um talismã irresistível para minha alma, porque só nos meus sonhos de infante que se ilude de amores, uma voz assim me passara. Os gemidos de duas virgens abraçadas no céu, douradas da luz da face de Deus, empalidecidas pelos beijos mais puros, pelo tremuloso dos abraços mais palpitantes, não seriam tão suaves assim!

A moça chorava, soluçava: por fim ela ergueu-se.

Eu a vi correr à janela, ia abri-la tomei-a pelas mãos...

— Pois bem, disse ela, eu gritarei... se não for um deserto, se alguém passar por aqui... talvez me acudam... Socor...

---

<sup>40</sup> Na mitologia grega, Actéon, exímio caçador, um dia estava caçando na floresta quando se deparou com Diana nua, acompanhada de ninfas, banhando-se num lago. Possível referência à Lira dos vinte anos, também de Álvares de Azevedo: “Não é Ovídio só que imito o sonho, / Quando pinta Actéon fitando os olhos / Nas formas nuas de Diana virgem!”.



Eu tapei-lhe a boca com as mãos

— Silêncio, senhora!

Ela lutava para livrar-se de minhas mãos: por fim sentiu-se enfraquecida. Eu soltei-a de pena dela.

— Então, diga-me onde estou, diga-me ou eu chamarei por socorro.

— Não gritarás, senhora!

— Por compaixão então me esclarece nesta dúvida: por que tudo isso que eu vejo? Tudo o que penso, o que adivinho é muito horrível!

— Escute pois — disse-lhe eu. — Havia uma mulher... era um anjo. Havia um homem que a amava, como as águas amam a lua que as prateia, como as águias da montanha o sol que as fita, que as enche de luz e de amor. Nem sei quem ele era: ergueu-se um dia de uma vida de febre, esqueceu-a; e esqueceu o passado, diante de uns olhos transparentes de mulher, as manchas de sua história, numa aurora de gozos, onde se lhe desenhava a sombra desse anjo... Escute: não o amaldiçoes! Esse homem tinha muita infâmia no passado: profanara sua mocidade prostituíra-a como a borboleta de ouro a sua geração, lançando-a no lodo: frio, sem crenças, sem esperanças, abafara uma por uma suas ilusões, como a infanticida seus filhos... Deus o tinha amaldiçoado talvez! ou ele mesmo se amaldiçoara... Esquecera que era homem e que tinha no seu peito harmonias santas como as do poeta... Ele as esquecera, e elas dormiam-lhe no mistério como os suspiros nas cordas de uma guitarra abandonada. Esquecera que a natureza era bela e muito bela, que o leito das flores da noite era rescendente, que a lua era a lâmpada dos amores, as aragens do vale, os perfumes do poeta no seu noivado com os anjos e que a aurora tinha eflúvios frescos... e com suas nuvens virginais, suas folhas molhadas de orvalho, suas águas nevoentas tinha encantos que só as almas puras entendem! Tudo isso enjeitou, esqueceu... para só o lembrar a furto e com sarcasmo nas horas suarentas da devassidão... Ele era muito infame!

— Mas tudo isso não me diz quem você é... nem por que estou aqui. . .

— Escute. O libertino amou pois o anjo, voltou o rosto ao

Noite na Taverna

passado, despiu-se dele como de um manto impuro. Fortificou-se no fogo do sentimento, apurou-se na virgindade daquela visão, porque ela era bela como uma virgem, e refletia essa luz virgem do espírito nesse brilho d'alma divina que alumia as formas, que não são da terra, mas do céu. Ainda o tempo não eivara o coração do insano de uma lepra sem cura: nem selo inextinguível lhe gravara na testa — impureza! Deixou-se do viver que levava, desconheceu seus companheiros, suas amantes venais, suas insônias cheias de febre: quis apagar todo o gosto da existência, como o homem que perdeu uma fortuna inteira no jogo quer esquecer a realidade.

E o homem pôde esquecer tudo isto. Mas ele não era ainda feliz. As noites passava-as ao redor do palácio dela, via-a às vezes bela e descorada ao luar, no terraço deserto, ou distinguia suas formas na sombra que passava pelas cortinas da janela aberta de seu quarto iluminado. Nos bailes seguia com olhares de inveja aquele corpo que palpitava nas danças. No teatro, entre o arfar das ondas da harmonia, quando o êxtase boiava naquele ambiente balsâmico e luminoso, ele nada via senão ela — e só ela! E as horas de seu leito... suas horas de sono não, que mal as dormia, porque às vezes eram longas de impaciência e insônia, outras vezes eram curtas de sonhos ardentes! O pobre insano teve um dia uma ideia; era negra sim, mas era a da ventura. O que fez não sei: nem o saberei nunca. E depois de bastante bêbado para você sonhar, bastante louco para nos sonhos de fogo de seu delírio imaginar, foi profano assaz para roubar a um templo a peça de ouro mais puro. Esse homem... tenha compaixão dele, que ele te amará de joelhos... ó anjo, Eleonora...

— Meu Deus! meu Deus! por que tanta infâmia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! por que maldissestes minha vida, por que deixastes cair na minha cabeça uma nódoa tão negra?

As lágrimas, os soluços abafavam-lhe a voz.

— Perdoe-me, senhora, aqui me tem a seus pés! tenha pena de mim, que eu sofri muito, que amei-te, que te amo muito! compaixão! que serei seu escravo, beijarei sua plantas, me ajoelharei à noite a sua porta, ouvirei seu rressonar, suas orações, seus sonhos... e isso me bastará... Serei seu escravo e seu cão,

deitarei a seus pés quando estiveres acordada, velarei com meu punhal quando a noite cair: e se algum dia... se algum dia você me puder amar... então! então!...

— Oh! deixe-me! deixe-me!...

— Eleonora! Eleonora! Perder noites e noites numa esperança. Alentá-la no peito como uma flor que murcha de frio, alentá-la, revivê-la cada dia, para vê-la desfolhada sobre meu rosto! Absorver-me em amor e só ter zombaria e menosprezo! Diga antes ao pintor que rasgue sua Madona, ao escultor que despedace a sua estátua de mulher.

Louca, pobre louca que é! crê que um homem havia de encarnar um pensamento em sua alma, viver desse cancro, embeber-se da vitalidade da dor, para depois rasgá-lo do seio? Crê que ele consentiria que lhe pisassem no coração, que lhe arrancassem... a ele, poeta e amante, a coroa de ilusões, as flores uma por uma? Que, pela noite da desgraça, ao amor insano de uma mãe lhe sufocassem sobre o seio a criatura de seu sangue, o filho de sua vida, a esperança de suas esperanças?

— Oh! e não terá você também dó de mim? não sabe-o? isto é infame! sou uma pobre mulher. De joelhos eu lhe peço perdão se lhe ofendi... Eu lhe peço, deixe-me! que me importam seus sonhos, seu amor?

Doía-me profundamente aquela dor, aquelas lágrimas me queimavam. Mas minha vontade fez-se rija e férrea como a fatalidade.

— Que te importam meus sonhos, que te importam meus amores? Sim, tens razão! Que importa à água do deserto, à gazela do areal que o árabe tenha sede ou que o leão tenha fome? Mas a sede e a fome são fatais. O amor é como eles: entendes-me agora?

— Matai-me então! não tereis um punhal! Uma punhalada pelo amor de Deus! Eu juro, eu te abençoarei.

— Morrer! e pensas no morrer! Insensata! Descer do leito morno do amor à pedra fria dos mortos! Nem sabes o que dizes. Sabes o que é essa palavra: —morrer? É a duvida que afana a existência: é a duvida, o pressentimento que resfria a testa do suicida, que lhe passa nos cabelos como um vento de inverno e nos empalidece a cabeça como Hamlet! Morrer! é a cessação

Noite na Taverna

de todos os sonhos, de todas as palpitações do peito, de todas as esperanças! É estar peito a peito com nossos antigos amores e não senti-los! Doida! é um noivado medonho o do verme, um lençol bem negro o da mortalha! não faleis nisso: por que lembrar o coveiro junto ao leito da vida? Põe a mão no teu coração... bate... e bate com força, como o feto nas entranhas de sua mãe. Há ali dentro muita vida ainda: muito amor por amor, muito fogo por viver! Oh! se tu quisesses amar-me!

Ela escondeu a cabeça nas mãos e soluçou.

— É impossível: eu não posso amar-vos!

Eu disse-lhe:

— Eleonora, ouve-me: deixo-te só; velarei contudo sobre ti daquela porta. Resolve-te: seja uma decisão firme sim, mas pensada. Lembra-te que hoje não poderás voltar ao mundo: o duque Maffio seria o primeiro que fugiria de ti, a torpeza do adultério sentiria ele nas tuas faces, creria roçar na tua boca a umidade de um beijo de estranho. E ele te amaldiçoaria! Vê: além a maldição e o sarcasmo, a irrisão das outras mulheres, a zombaria vingativa daqueles que te amaram e que não amaste. Quando entrares, dirão: ei-la! arrependeu-se! o marido... pobre dele! perdoou-a... As mães te esconderão suas filhas, as esposas honestas terão nojo de tocar-te... E aqui, Eleonora, aqui terás meu peito e meu amor, uma vida só para ti: um homem que só pensará em ti e sonhará sempre contigo; um homem cujo mundo serás tu, serão teus risos, teus olhares, teus amores, que se esquecera de ontem e de amanhã para fazer como um Deus de ti a sua Eternidade. Pensa, Eleonora! se quisesses, partiríamos hoje: uma vida de venturas nos espera. Sou muito rico, bastante para adornar-te como uma rainha. Correremos a Europa, iremos ver a França com seu luxo, a Espanha, onde o clima convida ao amor, onde as tardes se embalsamam nos laranjais em flor, onde as campinas se aveludam e se matizam de mil flores, iremos à Itália, a tua pátria e, no teu céu azul, nas tuas noites límpidas, nos teus crepúsculos suavíssimos viver de novo ao sol meridional!... Se quiseres... senão seria horrível... não sei o que aconteceria: mas quem entrasse neste quarto levaria os pés ensopados de sangue...

Sai: duas horas depois voltei.

— Pensaste, Eleonora?

Ela não respondeu. Estava deitada com o rosto entre as mãos. À minha voz ergueu-se. Havia um papel molhado de suas lágrimas sobre o leito. Estendi a mão para tomá-lo, ela entregou-me o.

Eram uns versos meus. Olhei para a mesa, minha carteira de viagem, que eu trouxera do carro, estava aberta, os papéis estavam revoltos. Os versos eram estes.

Claudius tirou do bolso um papel amarelado e amarrotado: atirou-o na mesa. Johann leu:

Não me odeies, mulher, se no passado  
Mancha sombria desbotou-me a vida:  
É que os lábios queimei no vício ardente  
E de tudo descri com fronte erguida.

A máscara de Don Juan queimou-me o rosto  
Na fria palidez do libertino:  
Desbotou-me esse olhar... e os lábios frios  
Ousam de maldizer do meu destino.  
Sim! longas noites no fervor do jogo  
Desperdicei febril e macilento:  
E votei o porvir ao Deus do acaso  
E o amor profanei no esquecimento!

Murchei no sarcasmo as coroas do poeta  
Na ironia da glória e dos amores:  
Aos vapores do vinho, à noite insano  
Debrucei-me do jogo nos fervores!  
A flor da mocidade profanei-a  
Entre as águas lodosas do passado...  
No crânio a febre, a palidez nas faces  
Só cria no sepulcro sossegado!



Noite na Taverna

E asas límpidas do anjo em colo impuro  
Mareei nos bafos da mulher vendida:  
Inda nos lábios me roxeia o selo  
Dos beijos da perdida.

E a mirra das canções nem mais vapora  
Em profanada taça eivada e negra:  
Mar de lodo passou-me ao rio d'alma  
As níveas flores me estalou das bordas.  
Sonho de glórias só me passe a furto  
Qual flor aberta a medo em chão de tumbas  
— Abatida e sem cheiro...

O meu amor... o peito o silencia:  
Guardo-o bem fundo em sombras do sacrário.  
Onde ervaçal não se abastou nos ermos.  
Meu amor foi visão de roupas brancas  
Da orgia à porta, fria e soluçando:  
Lâmpada santa erguida em leito infame:  
Vaso templário da taverna à mesa:  
Estrela d'alva refletindo pálida  
No tremedal do crime.

Como o leproso das cidades velhas  
Sei me fugiras com horror aos beijos  
Sei, no doido viver dos loucos anos  
As crenças desflorei em negra insânia:  
— Vestal, prostituí as formas virgens,  
Lancei eu próprio ao mar da croa as folhas,  
Troquei a rósea túnica da infância  
Pelo manto das orgias.

Oh! não me ames sequer! Pois bem! um dia  
Talvez diga o Senhor ao podre Lázaro:  
Ergue-te aí do lupanar da morte,  
Revive ao fresco do viver mais puro!  
E viverei de novo: a mariposa  
Sacode as asas, estremece-as, brilha.  
Despindo a negra pele, a bava imunda  
Da larva desbotada.

Então, mulher, acordarei do lodo,  
Onde Satã se pernoitou comigo,  
Onde inda morno perfumou seu molde  
Cetinoso nudez de formas níveas.  
E a loura meretriz nos seios brancos  
Deitou-me a fronte lívida, na insônia  
Quedou-me a febre da volúpia à sede  
Sobre os beijos vendidos.

E então acordarei ao sol mais puro,  
Cheirosa a fronte as auras da esperança!  
Lavarei-me da fé nas águas d'ouro  
De Madalena em lágrimas!... e ao anjo  
Talvez que Deus me dê, curvado e mudo.  
Nos eflúvios do amor libar um beijo,  
Morrer nos lábios dele!

Ela calou-se: chorava e gemia.  
Acerquei-me dela: ajoelhei-me como ante Deus.  
— Eleonora, sim ou não?

Ela voltou o rosto para o outro lado, quis falar... interrompia-se a cada sílaba.

— Espere, deixe que ore um pouco: a Madona talvez me perdoe.

Esperava eu sempre. Ela ajoelhou-se.

— Agora... — disse ela erguendo-se e estendendo-me a sua mão.

— Então?

Noite na Taverna

— Irei contigo.

E desmaiou.

Aqui parou a história de Claudius Hermann.

Ele abaixou a cabeça na mesa, não falou mais.

— Dormes, Claudius? Por Deus! ou estás bêbedo ou morto!

Era Archibald que o interpelava: sacudia-o a toda força.

Claudius levantou um pouco a cabeça, estava macilento: tinha os olhos fundos numa sombra negra.

— Deixem-me, amaldiçoados! Deixem-me pelo céu ou pelo inferno! Não veem que tenho sono, sono e muito sono?

— E a história, a história? — bradou Solfieri.

— E a duquesa Eleonora? — perguntou Archibald.

— É verdade... a história. Parece-me que lembrei tudo isso. Parece que foi um sonho!

— E a Duquesa?

— A Duquesa... Parece-me que ouvi esse nome alguma vez... Com os diabos, que me importa?

Aí quis prosseguir: mas uma força invencível o prendia.

— A Duquesa... é verdade! Mas como esqueci tudo isso que não me lembro!... Tirai-me da cabeça esse peso... Acredito que encheram-me o crânio de chumbo derretido!... e ele batia na cabeça macilenta como um médico no peito do agonizante para encontrar um eco de vida.

— Então?

— Ah! ah! ah! — gargalhou alguém que tinha ficado estranho à conversa.

— Arnold ! cala-te!

— Cala-te antes, Solfieri! eu contarei o fim da história.

Era Arnold-o-louro, que acordava.

— Escutem vocês todos — disse. — Um dia Claudius entrou em casa. Encontrou o leito ensopado de sangue e num recanto escuro da alcova um doido abraçado com um cadáver. O cadáver era o de Eleonora: o doido nem o poderiam conhecer tanto: a agonia o desfigurara. Era uma cabeça desgrenhada, uma pele esverdeada, uns olhos fundos e braços onde o fogo da loucura cintilava a furto como a emanação luminosa dos pântanos entre as trevas...

Mas ele o conheceu: era o Duque Maffio...

Claudius soltou uma gargalhada. Era sombria como a insânia, fria como a espada do anjo das trevas. Caiu ao chão: lívido e suarento como a agonia: firme como a morte...

Estava bêbado como o defunto patriarca Noé, o primeiro amante da vinha, virgem desconhecida até então e hoje prostituta de todas as bocas... bêbado como Noé, o primeiro embriagado de que reza a história! Dormia pesado e fundo como o apóstolo S. Pedro no Horto das Oliveiras... O caso é que ambos tinham ceado à noite.

Arnold estendeu a capa no chão e deitou-se sobre ela.

Daí a alguns instantes os seus roncos fortes se mesclavam ao magno concerto dos roncos dos dormidos.

## Capítulo 6

### Johann

*Por quê? É que meu coração em meio às delícias,  
De uma lembrança ciumenta, constantemente oprimida,  
Fria na felicidade presente vai procurar seus suplícios  
No futuro e no passado.*

(Alexandre Dumas)

— Agora é a minha vez! Quero lançar também uma moeda em sua urna: é o cobre azinhavrado do mendigo: pobre esmola por certo!

Era em Paris, num bilhar. Não sei se o fogo do jogo me arrebatara ou se o quirche<sup>41</sup> e o curaçau<sup>42</sup> me queimaram demais as ideias... Jogava contra mim um moço: chamava-se Artur.

Era uma figura loura e mimosa como a de uma donzela. Rosa infantil lhe avermelhava as faces, mas era uma rosa de cor desfeita. Leve bigode lhe sombreava o lábio, e pelo oval do rosto uma penugem dourada lhe assomava como o pelo que cobre o pêssago.

Faltava um ponto a meu adversário para ganhar. A mim, faltavam-me não sei quantos: sei só que eram muitos e pois requeria-se um grande sangue frio e muito esmero no jogar.

Soltei a bola. Nessa ocasião o bilhar estremeceu... O moço louro, voluntariamente ou não, se encostara ao bilhar... A bola desviou-se, mudou de rumo: com o desvio dela perdi... A raiva levou-me de vencida. Adiantei-me para ele. A meu olhar ardente o jovem sacudiu os cabelos loiros e sorriu como de zombaria.

Era demais! Caminhei para ele: ressoou uma bofetada. O moço convulso caminhou para mim com um punhal, mas nossos amigos nos seguraram.

— Isso é briga de marujo. O duelo, eis a luta dos homens corajosos.

---

<sup>41</sup> Aguardente semelhante ao conhaque.

<sup>42</sup> Tipo de licor feito com cascas de laranja-da-terra, cravo, canela, etc.

O moço rasgou nos dentes uma luva, e me atirou-a à cara. Era insulto por insulto; lodo por lodo: tinha de ser sangue por sangue.

Meia hora depois tomei-lhe a mão com sangue frio e disse-lhe no ouvido:

— Suas armas, senhor?

— Você saberá no lugar.

— Suas testemunhas?

— A noite e minhas armas.

— A hora?

— Já.

— O lugar?

— Virá comigo... Onde pararmos aí será o lugar...

— Bem, muito bem: estou pronto, vamos.

Dei-lhe o braço e saímos. Ao ver-nos tão frios a conversar creram uma satisfação. Um dos assistentes contudo entendeu-nos.

Chegou a nós e disse:

— Senhores, não há pois meio de vocês se conciliarem?

Nós sorrimos ambos.

— É uma criança — tornou ele.

Nós não respondemos.

— Se precisarem de uma testemunha, estou pronto.

Nós nos curvamos ambos.

Ele entendeu-nos: viu que a vontade era firme: afastou-se.

Nós saímos.

Um hotel estava aberto. O moço levou-me para dentro.

— Moro aqui, entre — disse-me.

Entramos.

— Senhor — disse ele — não há meio de paz entre nós: um bofetão e uma luva atirada às faces de um homem são manchas que só o sangue lava. É pois um duelo de morte.

— De morte, repeti como um eco.

— Pois bem: tenho no mundo só duas pessoas: minha mãe e... Espera um pouco.

O moço pediu papel, pena e tinta. Escreveu: as linhas eram poucas. Acabando a carta me deu para ler.

Noite na Taverna

— Veja, não é uma traição — disse.

— Artur, creio em você: não quero ler esse papel.

Repeli o papel. Artur fechou a carta, selou o lacre com um anel que trazia no dedo. Ao ver o anel uma lágrima correu-lhe na face e caiu sobre a carta.

— Senhor, és um homem de honra? Se eu morrer, toma esse anel: no meu bolso acharás uma carta: entregarás tudo a... Depois te direi a quem...

— Estás pronto? — perguntei.

— Ainda não! antes de um de nós morrer é justo que brinde o moribundo ao último crepúsculo da vida.

Não sejamos abissínios: demais o sol no cinábrio do poente ainda é belo.

O vinho do Reno correu em águas d'ouro nas taças de cristal verde. O moço ergueu-se.

— Senhor, permita que eu brinde contigo.

— A quem?

— É um mistério... é uma mulher, e porque o nome daquela que se apertou uma vez nos lábios, a quem se ama, é um segredo. não o farás?

— Seja como quiseres — disse eu.

Batemos os copos. O moço chegou à janela. Derramou algumas gotas de vinho do Reno à noite. Bebemos.

— Um de nós fez o seu último brinde — disse ele. — Boa-noite para um de nós... bom leito e sono sossegado para o filho da terra!

Foi a uma secretária, abriu-a: tirou duas pistolas.

— Isto é mais breve — disse ele. — Pela espada é mais longa a agonia. Uma delas está carregada, a outra não. Tiraremos a sorte. Atiraremos à queima-roupa.

— É um assassinato.

— Não dissemos que era um duelo de morte, que um de nós devia morrer?

— Tens razão. Mas diga-me: onde iremos?

— Venha comigo. Na primeira esquina deserta dos arrabaldes. Qualquer canto de rua é bastante sombrio para dois homens dos quais um tem de matar o outro.





Noite na Taverna

À meia-noite estávamos fora da cidade: Ele pôs as duas pistolas no chão.

— Escolha, mas sem tocá-las.

Escolhi.

— Agora vamos — disse eu.

— Espere, tenho um pressentimento frio e uma voz suspirosa me geme no peito. Quero rezar: é uma saudade por minha mãe.

Ajoelhou-se. À vista daquele moço de joelhos — talvez sobre um túmulo — lembrei-me que eu também tinha mãe e uma irmã... e que eu as esquecia. Quanto a amantes, meus amores eram como a sede dos cães das ruas, saciavam-se na água ou na lama... Eu só amara mulheres perdidas.

— É tempo — disse ele.

Caminhamos frente a frente. As pistolas se encostaram nos peitos, as espoletas estalaram: um tiro só estrondou.

Ele caiu quase morto...

— Toma — murmurou o moribundo e acenava-me para o bolso.

Atirei-me a ele. Estava afogado em sangue. Estrebuchou três vezes e ficou frio. Tirei-lhe o anel da mão. Meti-lhe a mão no bolso como ele dissera. Achei dois bilhetes.

A noite era escura: não pude lê-los.

Voltei à cidade. À luz baça do primeiro lampião vi os dois bilhetes. O primeiro era a carta para sua mãe. O outro estava aberto: li.

“À uma hora da noite na rua de... nº 60, 1º andar: acharás a porta aberta.

Tua G.»

Não tinha outra assinatura.

Eu não soube o que pensar. Tive uma ideia: era uma infâmia.

Fui ao encontro. Era no escuro. Tinha no dedo o anel que trouxera do morto... Senti uma mãozinha acetinada tomar-me pela mão, subi. A porta fechou-se.

Foi uma noite deliciosa! A amante do louro era virgem! Pobre Romeu! Pobre Julieta! Parece que essas duas crianças levavam as noites em beijos infantis e em sonhos puros!

(Johann encheu o copo: bebeu-o, mas estremeceu)

Quando eu ia sair, topei um vulto à porta.

— Boa-noite, cavalheiros, eu os esperava há muito. Essa voz pareceu-me conhecida. Porém eu tinha a cabeça desvairada...

Não respondi: o caso era singular. Continuei a descer: o vulto acompanhou-me. Quando chegamos à porta, vi luzir uma faca. Fiz um movimento e a lâmina resvalou-me no ombro. A luta fez-se terrível na escuridão. Eram dois homens que não se conheciam; que não pensavam talvez terem-se visto um dia à luz, e que não haviam mais ver-se porventura ambos vivos.

O punhal escapou-lhe das mãos, perdeu-se no escuro: subjuguiei-o. Era um quadro infernal, um homem na escuridão abafando a boca do outro com a mão, sufocando-lhe a garganta com o joelho, e a outra mão a tatear na sombra procurando um ferro.

Nessa ocasião senti uma dor horrível: frio e dor me correram pela mão. O homem morrera sufocado e na agonia me enterrara os dentes pela carne. Foi a custo que desprendi a mão sanguenta e descarnada da boca do cadáver. Ergui-me.

Ao sair tropecei num objeto sonoro. Abaixei-me para ver o que era. Era uma lanterna furta-fogo. Quis ver quem era o homem. Ergui a lâmpada...

O último clarão dela banhou a cabeça do defunto... e apagou-se...

Eu não podia crer: era um sonho fantástico toda aquela noite. Arrastei o cadáver pelos ombros... levei-o pela laje da calçada até o lampião da rua, levantei-lhe os cabelos ensanguentados do rosto... (Um espasmo de medo contraiu horrivelmente a face do narrador... tomou o copo, foi beber: os dentes lhe batiam como de frio: o copo estalou-lhe nos lábios).

Aquele homem era do sangue do meu sangue, era filho das entranhas de minha mãe como eu, era meu irmão: uma ideia passou ante meus olhos. Subi ansioso ao sobrado. Entrei. A moça desmaiara de susto ouvindo a luta. Tinha a face fria como o mármore. Os seios nus e virgens estavam parados e gélidos como os de uma estátua... A forma de neve eu a sentia meio nua entre os vestidos desfeitos, onde a infâmia asselara a mancha de uma flor perdida.



Abri a janela, levei-a até aí...

Na verdade que sou um maldito! Olá, Archibald, dai-me um outro copo, enchei-o de conhaque, enchei-o até a borda! Veja: sinto frio, muito frio: tremo de calafrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo dos espíritos! a ardência do cérebro ao vapor que tonteia...quero esquecer!

— Que tens, Johann? tremes como um velho centenário!

— O que tenho? O que tenho? Não o veem, pois? Era minha irmã!

## Capítulo 7

### Último beijo de amor

*Bem, Julieta, hei de me deitar com você essa noite!*

(Romeu e Julieta, Shakespeare.)

A noite ia alta: a orgia chegara ao fim. Os dormiam dormiam aglomerados, nas trevas.

Uma luz raiou subitamente pelas físgas da porta. A porta abriu-se. Entrou uma mulher vestida de negro. Era pálida, e a luz de uma lanterna, que trazia erguida na mão, se derramava macilenta nas faces dela e dava-lhe um brilho singular aos olhos. Talvez que um dia fosse uma beleza típica, uma dessas imagens que fazem descorar de desejos nos sonhos de moço. Mas agora, com sua pele lívida, seus olhos acesos, seus lábios roxos, suas mãos de mármore, e a roupagem escura e gotejante da chuva, parecia o anjo perdido da loucura.

A mulher curvou-se: com a lanterna na mão procurava uma por uma entre essas faces dormidas um rosto conhecido.

Quando a luz bateu em Arnold, ajoelhou-se. Quis dar-lhe um beijo — alongou os lábios... Mas uma ideia a susteve. Ergueu-se. Quando chegou a Johann, que dormia, um riso **embranqueceu-lhe** os beiços: o olhar tornou-se sombrio.

Abaixou-se junto dele: depôs a lâmpada no chão. O lume baço da lanterna dando nas roupas dela espalhava sombra sobre Johann. A frente da mulher pendeu e sua mão passou na garganta dele. Um soluço rouco e sufocado ofegou daí. A desconhecida levantou-se. Tremia, e ao segurar na lanterna ressoou-lhe na mão um ferro... Era um punhal... Atirou-o no chão. Viu que tinha as mãos vermelhas, enxugou-as nos longos cabelos de Johann...

Voltou a Arnold; sacudiu-o.

— Acorda e levanta-te!

— Que me queres?

— Olha-me: não me conheces?

— Tu! e não é um sonho? És tu! oh! deixa que eu te aperte ainda! Cinco anos sem ver-te! Cinco anos! E como mudaste!

— Sim: já não sou bela como há cinco anos! É verdade, meu louro amante! É que a flor de beleza é como todas as flores. Alentai-as ao orvalho da virgindade, ao vento da pureza, e serão belas. Revolvei-as no lodo e, como os frutos que caem, mergulham nas águas do mar, cobrem-se de um invólucro impuro e salobro! Outrora era Giorgia, a virgem: mas hoje é Giorgia, a prostituta!

— Meu Deus! meu Deus!

E o moço sumiu a testa nas mãos.

— Não me amaldiçoies, não!

— Oh! deixa que me lembre; estes cinco anos que passaram foram um sonho. Aquele homem do bilhar, o duelo à **queima-roupa**, meu acordar num hospital, essa vida devassa onde me lançou a desesperação, isto é um sonho? Oh! lembremo-nos do passado! Quando o inverno escurece o céu, cerremos os olhos; pobres andorinhas moribundas, lembremo-nos da primavera!...

— Tuas palavras me doem... É um adeus, é um beijo de adeus e separação que venho pedir-te; na terra nosso leito seria impuro, o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta! Satã riria de nós. É no céu, quando o túmulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã de amor...

— Oh! ver-te e para deixar-te ainda uma vez! E não pensaste, Giorgia, que me fora melhor ter morrido devorado pelos cães na rua deserta, donde me levantaram cheio de sangue? Que fora-te melhor assassinar-me no dormir do bêbado, do que apontar-me a estrela errante da ventura e apagar-me a do céu? não pensaste que, após cinco anos, cinco anos de febre e de insônias, de esperar e desesperar, de vida por ti, de saudades e agonia, fora o inferno ver-te para deixar-te?

— Compaixão, Arnold! É preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra: nas minhas lembranças há uma mancha torpe... Hoje! é o leito venal... Amanhã!... só espero no leito do túmulo! Arnold! Arnold!

— Não me chames Arnold! chama-me Artur, como dantes. Artur! não ouves? Chama-me assim! Há tanto tempo que não ouço me chamarem por esse nome! Eu era um louco! quis afogar meus pensamentos e vaguei pelas cidades e pelas montanhas



deixando em toda a parte lágrimas... nas cavernas solitárias, nos campos silenciosos e nas mesas molhadas de vinho! Vem, Giorgia! senta-te aqui, senta-te nos meus joelhos, bem conchegada a meu coração... tua cabeça no meu ombro! Vem! um beijo! quero sentir ainda uma vez o perfume que respirava outrora nos teus lábios. Respire-o eu e morra depois!... Cinco anos! oh! tanto tempo a esperar-te, a desejar uma hora no teu seio!... Depois... escuta... tenho tanto a dizer-te! tantas lágrimas a derramar no teu colo! Vem! e te direi toda a minha história! minhas ilusões de amante e as noites malditas da crápula e o tédio que me inspiravam aqueles beijos frios das mulheres que me beijavam! Vem! Te contarei tudo isso: te direi como profanei minha alma e meu passado: e choraremos juntos... e nossas lágrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas do lodo!

— Obrigado, Artur! obrigado!

A mulher sufocava-se nas lágrimas, e o moço murmurava entre beijos palavras de amor.

— Escuta, Artur, eu vinha só dizer-te adeus! da borda do meu túmulo: e depois contente fecharia eu mesma a porta dele... Artur, eu vou morrer!

Ambos choravam.

— Agora vê — continuou ela. Acompanha-me: vê aquele homem?

Arnold tomou a lanterna.

— Johann! morto! sangue de Deus! quem o matou?

— Giorgia! Era ele um infame. Foi ele quem deixou por morto um moço a quem esbofeteara numa casa de jogo. Giorgia, a prostituta, vingou nele Giorgia, a virgem. Esse homem foi quem a desonrou! desonrou-a... a ela que era sua irmã!!

— Horror! horror!

E o moço virou a cara e cobriu-a com as mãos.

A mulher ajoelhou-se a seus pés

— E agora adeus! adeus que morro! não vê que fico lívida, que meus olhos se empanam e tremo... e desfaleço?

— Não! eu não partirei. Se eu vivesse amanhã haveria uma lembrança horrível em meu passado...

— E não tens medo? Olha! é a morte que vem! é a vida que



Noite na Taverna

crepuscula em minha testa. não vês esse arrepio entre minhas sobranceiras?...

— E que me importa o sonho da morte? Meu porvir amanhã seria terrível: e à cabeça apodrecida do cadáver não ressoam lembranças; seus lábios gruda-os a morte: o sino é silencioso. Morrerei!

A mulher recuava... recuava. O moço tomou-a nos braços, pregou os lábios nos dela... Ela deu um grito e caiu-lhe das mãos. Era horrível de ver-se. O moço tomou o punhal, fechou os olhos, apertou-o no peito e caiu sobre ela. Dois gemidos sufocaram-se no estrondo do baque de um corpo...

A lâmpada apagou-se.

**O autor  
Álvares de Azevedo**

**Álvares de Azevedo**

## Álvares de Azevedo: vida e obra

*Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!*

Álvares de Azevedo,  
Se eu morresse amanhã

Álvares de Azevedo (Manuel Antônio Álvares de Azevedo), apelidado pelos familiares de Maneco, nasceu em São Paulo em 12 de setembro de 1831. Segundo filho de Inácio Manuel Álvares de Azevedo e de Maria Luísa Mota Azevedo — ambos de famílias ilustres, que se distinguiam no cenário cultural do País —, cresceu cercado de livros. Em 1833, seu pai, recém-formado em Direito, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou uma brilhante carreira jurídica. Levou com ele a esposa e os filhos.

Em 1835, o irmão mais novo de Maneco morre, deixando-o profundamente abalado, mental e fisicamente. Alguns biógrafos atribuem ao episódio a forte febre que atingiu o poeta entre os cinco e seis anos de idade. O seu poema *O anjinho* traduz anos depois a impressão que a morte do irmão lhe causou:

Não chorem! que não morreu!  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrela divina  
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:  
A beleza reluzia  
No carmim da face dela!  
Tinha uns olhos que choravam,  
Tinha uns risos que encantavam!  
Ai meu Deus! era tão bela!

Há relatos de que em 1837 Álvares de Azevedo foi matriculado num colégio de Niterói e que, ainda doente, fora declarado incapaz de aprendizagem. Em 1840 inicia de vez seus estudos no Colégio Stoll, em Botafogo, onde cursa o primário e boa parte do secundário. Destaca-se como aluno. São várias as cartas do Prof. Stoll ao Dr. Inácio Manuel, pai de Maneco, alegando seu talento excepcional em todas as disciplinas. Em uma das cartas, diz em francês: “Ele reúne, o que é muito raro, a maior inocência de costumes à mais vasta capacidade intelectual que já encontrei na América num menino da sua idade”.

Maneco retorna a São Paulo em 1844 em companhia de seu tio. Lá, presta exames de Francês, Inglês e Latim. Regressa novamente ao Rio de Janeiro no ano seguinte, entrando para o internato do Imperial Colégio de Pedro II. Nessa instituição, continua sua ascensão intelectual e começa a se interessar por literatura. Tem como professor de filosofia o poeta Gonçalves de Magalhães, introdutor do Romantismo no Brasil.

Apesar da debilitação física e do intelecto, Álvares de Azevedo era nessa época um jovem brincalhão e indisciplinado, com o hábito de imitar e caricaturar funcionários e professores. Em 1847, recebe o título de Bacharel em Letras, o equivalente nos dias de hoje ao nível de Ensino Médio. De 1848 a 1851, cursa a Faculdade de Direito de São Paulo, onde conhece outros futuros ilustres escritores, como José de Alencar. Entre suas amizades, destacam-se principalmente o gaúcho Luís Antônio da Silva Nunes e os escritores Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães, com os quais constituiu uma república de estudantes na Chácara dos Ingleses.

Durante os quatro anos de Faculdade, Álvares de Azevedo leu com avidez e produziu compulsivamente.

Faziam parte de suas leituras as obras de Shakespeare, Dante, Goethe, Hoffmann e Victor Hugo, desfrutando muitas vezes, por possuir conhecimentos em inglês e francês, das obras originais destes. A influência de Byron e Musset nele é extrema, o que o fez cultivar com maestria todos os componentes do ultrarromantismo europeu, como a melancolia e o pessimismo.

## Noite na Taverna

Escreveu nessa época boa parte de suas obras completas, como são conhecidas hoje: os poemas que viriam a ser reunidos nos livros *Lira dos vinte anos* e *Poesias diversas*; os poemas longos *O poema do frade* e *O conde Lopo*; as narrativas *Macário* e *Noite na Taverna*; a terceira parte do romance *O livro de Fra. Gondicário*; além das várias páginas de estudos literários, discursos acadêmicos e cartas pessoais.

Nesse período, dois acontecimentos encheram seu espírito de presságio: o suicídio, em 22 de setembro de 1850, de seu colega Feliciano Coelho Duarte; e a morte em 1851 de seu amigo João Batista da Silva Pereira Júnior. No velório deste último, proferiu: “Cada ano uma vítima se perde nas ondas, e a sorte escolhe sorrindo os melhores dentre nós”. Chega em casa e escreve o poema *No túmulo do meu amigo João Batista da Silva Pereira Júnior*:

A vida é noite! o sol tem véu de sangue:  
Tateia a sombra a geração descrida...  
Acorda-te, mortal! é no sepulcro  
Que a larva humana se desperta à vida!  
Quando as harpas do peito a morte estala,  
Um treno de pavor soluça e voa:  
E a nota divinal que rompe as fibras  
Nas dulias angélicas ecoa!

A morte passa a assombrá-lo, fixação que deixa rastros em suas obras e nas cartas enviadas à mãe e à irmã. Numa parede do quarto, escreve a data das mortes dos amigos, seguidas dos seus respectivos nomes. Por fim insere em letras prenunciativas o ano de 1852.

No final do ano letivo vai passar as férias com a família. Passeando a cavalo, sofre uma queda, que ocasiona um tumor na fossa ilíaca e agrava seu estágio de tuberculose pulmonar. Apesar de uma dolorosa cirurgia, não resiste. Morre às 17 horas do dia 25 de abril de 1852, com apenas 20 anos. Seu último poema (*Se eu morresse amanhã*) é escrito um mês antes de sua morte e é lido, por Joaquim Manuel de Macedo, no seu velório.

A morte precoce de Maneco o impediu de revisar e organizar seus próprios trabalhos. Preparada para integrar *As três líras*, projeto de livro que ele tinha com Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães, a *Lira dos vinte anos* é a única obra cuja edição foi preparada, mesmo que inicialmente, pelo poeta.

Apesar das inúmeras críticas, que vão da ausência de qualidade artística de seus poemas ao seu desleixo com os aspectos formais dos textos, Álvares de Azevedo é considerado o principal representante da segunda geração romântica brasileira, também denominada ultrarromântica ou byroniana. Dos poetas românticos, foi quem deixou relativamente uma maior produção literária.

## Noite na taverna

Imortalidade da alma! e por que também não sonhar a das flores, a das brisas, a dos perfumes? Oh! Não mil vezes! A alma não é, como a lua, sempre moça, nua e bela em sua virgindade eterna! A vida não é mais que a reunião ao acaso das moléculas atraídas: o que era um corpo de mulher vai porventura transformar-se numa árvore ou numa nuvem de vermes; o que era um corpo de verme vai alvejar-se no cálice da flor ou na testa da criança mais loira e bela. Como Schiller o disse, o átomo da inteligência de Platão foi talvez para o coração de um ser impuro. Por isso eu lhes direi: se entendem a imortalidade pela reencarnação, bem, talvez eu a creia um pouco: pelo Platonismo, não!

Álvares de Azevedo,  
Noite na taverna

Publicado postumamente no ano de 1855, Noite na taverna, chamado de “os contos fantásticos” por Álvares de Azevedo, juntamente com Lira dos vinte anos e Macário, ganhou um espaço distinto do restante de sua obra. Para alguns críticos — que consideravam ruins e vulgares alguns chavões românticos presentes em, por exemplo, O conde Lopo —, nas narrativas que constituem Noite na taverna o autor consegue construir um ambiente artificial e coerente; um tipo de jogo cujas regras entendemos e aceitamos quando lemos; um mundo artificial em que a melancolia, os amores proibidos e a morte são os elementos que conduzem as ações dos protagonistas, dando às narrativas um caráter surreal e fantástico, termo este usado até mesmo por um de seus personagens:

— Agora ouvi-me, senhores! entre uma saúde e uma bafurada de fumaça, quando as cabeças queimam e os cotovelos se estendem na toalha molhada de vinho, como os braços do carniceiro no cepo gotejante, o que nos cabe é uma história sanguinolenta, um daqueles contos fantásticos — como Hoffmann os delirava ao clarão dourado do Johannisberg!

O livro divide-se em sete partes. A primeira delas introduz o cenário e o ambiente. Entre mulheres deitadas no chão e homens bêbados pedindo mais vinho, o narrador constrói o elo que mantém as narrativas, apesar de independentes, unidas sob uma mesma taverna. Assim, além dessa primeira parte e da última, *Noite na taverna* é constituído de cinco contos, que se dividem em capítulos (Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann) e que são ligados por uma atmosfera de mistério, resultando numa obra de características grotescas, góticas, sublimes e obscenas.

Foi uma ideia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo os despe à noiva. Era uma forma puríssima. Meus sonhos nunca me tinham evocado uma estátua tão perfeita. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármore antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquela vigília.

No trecho acima, em que o personagem Solfieri narra sua relação com um cadáver, percebe-se como Álvares de Azevedo costura uma narrativa capaz de chocar muito mais pelos temas abordados (incesto, necrofilia, canibalismo, etc.) do que pela forma narrativa, fenômeno este característico da segunda geração romântica.

A história começa quando, reunidos numa taverna, Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann — até então apenas homens bêbados e devassos — começam um a um a contar suas aventuras, revelando assim o lado sórdido dos personagens narradores.

É essa face demoníaca dos personagens, juntamente com o ambiente sombrio e enigmático das narrativas e outras alusões ao medonho e ao terror, que vão dar à obra o caráter de literatura gótica.

O primeiro a narrar é Solfieri.



Pois bem, lhes direi uma história. Mas quanto a essa, vocês podem tremer a gosto, podem suar a frio da testa grossas bagas de terror. Não é um conto, é uma lembrança do passado.

Ele conta uma história de quando estava em Roma: “Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: no aposento do sacerdote dorme a gosto sua amante, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido”. Fala então de como encontra uma mulher e a segue até um cemitério. Lá, ela chora ajoelhada diante de uma lápide enquanto ele adormece. “Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão: a vegetação do campo santo estava quebrada junto a uma cruz.” Um ano depois, durante uma noite de orgia e embriaguez, decide caminhar pelas ruas e adentra sem saber numa igreja. Encontra a mulher do cemitério deitada dentro de um caixão, em estado catatônico. Leva-a para casa, e, chegando lá, a mulher morre dois dias e duas noites depois. Solfieri a enterra em seu quarto e encomenda uma estátua da defunta.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Percebe-se já nesse primeiro conto como Álvares de Azevedo pretende construir um mundo sem final feliz, sem relações baseadas no respeito e na honra, sem personagens puros. Esse caráter temático, dominado pelo escabroso e ignominioso, vai perpassar toda a narrativa.

Bertram é o segundo a narrar uma história.

Inicia falando de uma mulher espanhola que o levou à perdição, “linda daquele moreno das andaluzas, com os olhos que brilham e os lábios de rosa d’Alexandria!”, e com quem teve um caso amoroso até seu pai adoecer.

Amei muito essa moça, chamava-se Ângela. Quando eu estava decidido a casar-me com ela, quando após longas noites perdidas ao relento a espreitar-lhe da sombra um aceno, um adeus, uma flor — quando após tanto desejo e tanta esperança eu sorvi-lhe o primeiro beijo — tive de partir da Espanha para Dinamarca onde me chamava meu pai.

Com saudades de Ângela, Bertram retorna à Espanha, encontrando-a casada e com filho: “Contudo meu amor não morreu! Nem o dela!”. Os dois então mantêm um caso. Um dia, porém, o marido descobre a traição e é morto por Ângela, que também assassina o filho.

Era alta noite: eu esperava ver passar nas cortinas brancas a sombra do anjo. Quando passei, uma voz chamou-me. Entrei. Ângela com os pés nus, o vestido solto, o cabelo desgrenhado e os olhos ardentes tomou-me pela mão... Senti sua mão úmida... Era escura a escada que subimos: passei a minha mão, molhada pela dela, por meus lábios. Tinha gosto de sangue.  
— Sangue, Ângela! De quem é esse sangue?

Os dois fogem e começam a viajar pelo mundo. Um dia, porém, sem maiores explicações, Ângela o deixa.

Um dia ela partiu: partiu, mas deixou-me os lábios ainda queimados dos seus e o coração cheio de germe de vícios que ela aí lançara. Partiu, mas sua lembrança ficou como o fantasma de um mau anjo perto de meu leito.

Bertram, na tentativa de esquecer-lá, entrega-se à bebida e aos jogos. Uma noite, bêbado, é atropelado por uma carruagem. É socorrido por um nobre velho viúvo, pai de uma bela filha, com quem Bertram começa a se envolver e com quem foge, deixando o velho com “seus cabelos brancos manchados na desonra de sua filha, sem poder vingar-se”. Bertram logo enjoa da moça:

---

Noite na Taverna

Depois enjoei-me dessa mulher. A saciedade é um tédio terrível. Uma noite, que eu jogava com Siegfried — o pirata, depois de perder as últimas joias dela, vendi-a.

A moça, logo no primeiro dia, envenena Siegfried e se mata.

Um dia na Itália, saciado de mulheres e de vinhos, Bertram tenta se matar pulando de um rochedo em direção ao mar. Para sua infelicidade, é salvo por um grupo de marinheiros. Depois de se recuperar, é convocado pelo comandante para fazer parte da tripulação. Aceita.

O comandante trazia a bordo uma bela moça. Criatura pálida, parecera a um poeta o anjo da esperança adormecendo esquecido entre as ondas. Os marinheiros a respeitavam: quando pelas noites de lua ela repousava o braço na amurada e a face na mão, aqueles que passavam junto dela se descobriam respeitosos. Nunca ninguém lhe vira olhares de orgulho, nem lhe ouvira palavras de cólera: era uma santa.

Bertram apaixonou-se pela mulher do comandante. Os dois começam a viver um romance escondido, enquanto o comandante dorme. Após a embarcação sofrer um ataque pirata e encalhar num banco de areia, Bertram e mais quatro sobreviventes (o comandante, sua mulher e mais dois marinheiros) passam a dividir uma jangada. Após algum tempo, sem água e sem comida, tendo os dois marinheiros sido levados pelo mar, os três tiram a sorte para ver quem morrerá e servirá de alimento para os outros. O comandante perde.

Então o instinto de vida se lhe despertou ainda. Por um dia mais de existência, mais um dia de fome e sede de leito úmido e varrido pelos ventos frios do norte, mais umas horas mortas de blasfêmia e de agonia, de esperança e desespero, de orações e descrenças, de febre e de ânsia, o homem ajoelhou-se, chorou, gemeu a meus pés...

Bertram o mata. Ele e a mulher alimentam-se do corpo por dois dias. Depois que as aves do mar já baixavam para partilhar sua presa, Bertram joga os restos ao mar. Depois de dois dias, já fraca pela fome e sede, a mulher propõe morrerem juntos e pede um último momento de amor: “Era o gozo febril que podem ter duas criaturas em delírio de morte”. Bertram a mata. Passado um tempo, ele é salvo por um navio inglês.

Assim, explorando temas e formas de maneira absolutamente inovadora, Álvares de Azevedo modifica os limites de uma narrativa e ousa frustrar as expectativas do público.

Gennaro é o próximo a narrar.

Sua narrativa gira em torno de um velho pintor, Godofredo Walsh, casado com uma jovem de 20 anos, Nauza, e pai de Laura, de 15 anos. Gennaro, com apenas 18 anos, é aprendiz de pintor e aluno de Godofredo. Vive na casa do mestre como um filho. Um dia, desperta e encontra Laura em sua cama.

O fogo de meus dezoito anos, a primavera virginal de uma beleza ainda inocente, o seio seminu de uma donzela a bater sobre o meu: isso tudo, ao despertar dos sonhos alvos da madrugada, me enlouqueceu...

Todas as manhãs Laura vinha a meu quarto...

A cena se repete ao longo de três meses, até que a menina lhe diz que está grávida. Apaixonado por Nauza, Gennaro nada responde. Laura então adoce até morrer. Desconsolado com a morte, o velho pintor se tranca todas as noites no quarto da filha, dando evidentes sinais de insanidade mental. Com a ausência do velho mestre, Gennaro se declara a Nauza, que lhe retribui o sentimento. Os dois passam a viver um caso amoroso. Um dia, porém, os dois são surpreendidos pelo velho pintor, que pega Gennaro pelo braço, arrasta-o para o quarto de sua filha morta e o faz confessar.

## Noite na Taverna

Um tremor, um calafrio se apoderou de mim. Ajoelhei-me e chorei lágrimas ardentes. Confessei tudo: parecia-me que era ela quem o mandava, que era Laura que se erguia dentre os lençóis do seu leito e me acendia o remorso e no remorso me rasgava o peito.

O velho não o perdoa e, dias depois, força-o a se jogar de um precipício. Dos ramos de uma árvore, Gennaro é resgatado inconsciente por um grupo de camponeses. Logo que fica bom, tem a ideia de ir encontrar o velho pintor.

Ao ver-me salvo assim daquela morte horrível, pode ser que se apiedasse de mim, que me perdoasse, e então eu seria seu escravo, seu cão, tudo o que houvesse de mais desprezível num homem que se humilha — tudo! — contanto que ele me perdoasse. Viver com aquele remorso me parecia impossível.

Quando chega a casa, encontra Nauza e Godofredo mortos.

Entre eles um copo onde se depositara um resíduo polvilhento. Ao pé estava um frasco vazio. Depois eu o soube — a velha da cabana era uma mulher que vendia veneno: era ela decerto que o vendera, porque o pó branco do copo parecia sê-lo...

Claudius Hermann é convencido pelos outros homens da caverna a narrar uma história. Conta, então, sobre quando se apaixona pela duquesa Eleonora, esposa do duque Maffio, e decide após meses de contemplação, conquistá-la de qualquer forma. Numa noite, adentra seu quarto e, com um narcótico, adormece a amazona.

Chegou-se a ela, com suas roupas de veludo desatadas, seus cabelos a meio soltos ainda entremeados de pedraria e flores, seus seios meio nus, onde os diamantes brilhavam como gotas de orvalho, ergueu-a nos braços, deu-lhe um beijo. Ao calor daquele beijo, seminua, ela acordou: entre os vagos sonhos se lhe perdia uma ilusão talvez; murmurou “amor!” e com olhos entreabertos deixou cair a cabeça e adormeceu de novo.

A cena se repete até Claudius decidir raptá-la. A duquesa, convencida de que nem o duque Maffio nem a sociedade a aceitariam de volta, concorda em viver com Claudius.

Um dia Claudius entrou em casa. Encontrou o leito ensopado de sangue e num recanto escuro da alcova um doido abraçado com um cadáver. O cadáver era o de Eleonora: o doido nem o poderiam conhecer tanto: a agonia o desfigurara. Era uma cabeça desgrenhada, uma pele esverdeada, uns olhos fundos e baços onde o fogo da loucura cintilava a furto como a emanção luminosa dos pântanos entre as trevas... Mas ele o conheceu: era o Duque Maffio...

O último conto é de Johann.

Numa casa de jogos em Paris e após perder um jogo para Arthur, “uma figura loura e mimosa como a de uma donzela”, Johann propõe um duelo com armas. Antes do combate, Arthur escreve uma carta e faz Johann prometer, caso seja o vencedor, levá-la ao destinatário. “Caminhamos frente a frente. As pistolas se encostaram nos peitos, as espoletas estalaram: um tiro só estrondou.”

Antes de morrer, Arthur revela mais uma carta, escrita por uma mulher, marcando um encontro. Johann decide ir encontrá-la no lugar do rapaz.

Foi uma noite deliciosa! A amante do louro era virgem! Pobre Romeu! Pobre Julieta! Parece que essas duas crianças levavam as noites em beijos infantis e em sonhos puros!

Quanto está saindo do local, Johann é atacado por um estranho e, após travarem uma luta, mata-o. Depois, com a ajuda de uma lanterna, consegue identificar o rosto do desconhecido.

Eu não podia crer: era um sonho fantástico toda aquela noite. Arrastei o cadáver pelos ombros... levei-o pela laje da calçada até o lampião da rua, levantei-lhe os cabelos ensanguentados do rosto... [...] Aquele homem era do sangue do meu sangue, era filho das entranhas de minha mãe como eu, era meu irmão.

## Noite na Taverna

Johann volta ao quarto da moça e descobre que a mulher misteriosa com quem estivera era sua irmã.

Na verdade que sou um maldito! Olá, Archibald, dai-me um outro copo, enchei-o de conhaque, enchei-o até a borda! Veja: sinto frio, muito frio: tremo de calafrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo dos espíritos! a ardência do cérebro ao vapor que tonteia...quero esquecer!

Percebe-se assim como característica principal nessa narrativa a forte presença de um ambiente escuro, que permeia todo o conto. Esse tipo de ambiente perpassa todas as importantes ações do personagem e é responsável por desencadear o efeito de suspense.

Portanto, pode-se dizer que, negando a visão idealizada do homem e trazendo com isso uma dimensão mais ampla e concreta para a literatura, Álvares de Azevedo cria uma obra cujos elementos evoluem em torno do poético.